



VIDA *de* PIRATA

Um Guia Ilustrado

Um compilado informativo editorial sobre os piratas caribenhos
dos séculos XVII e XVIII para além de sua romantização

Feito por
GABRIEL TORRES

Orientação
JULIE PIRES

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Centro de Letras e Artes
Comunicação Visual Design - CVD
Rio de Janeiro - 2025.1

CIP - Catalogação na Publicação

358v Silva, Gabriel Torres e
 Vida do Pirata: Um Guia Ilustrado - Um compilado
 informativo editorial sobre os piratas caribenhos
 dos séculos XVII e XVIII para além de sua
 romântização / Gabriel Torres e Silva. -- Rio de
 Janeiro, 2025.
 96 f.

Orientadora: Julie de Araujo Pires.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Comunicação Visual Design,
2025.

1. Piratas. 2. Romântização. 3. História. 4.
Design Editorial. 1. Pires, Julie de Araujo,
orient. II. Título.

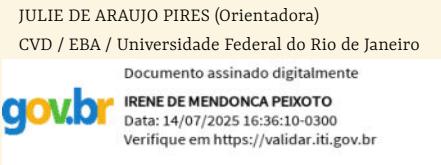
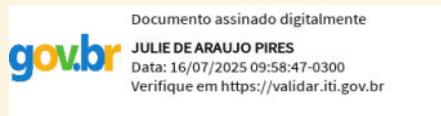
VIDA de PIRATA

Um Guia Ilustrado

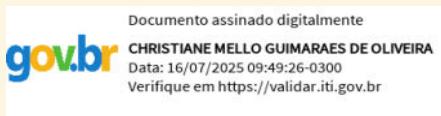
GABRIEL TORRES E SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Visual Design.

Aprovado em 09 de julho de 2025.



IRENE DE MENDONÇA PEIXOTO
CVD / EBA / Universidade Federal do Rio de Janeiro



CHRISTIANE MELLO DE OLIVEIRA
Designer / Doutoranda em Design ESDI/UERJ

Rio de Janeiro
2025

Aos familiares e grandes amigos, que sempre me apoiaram nessa jornada.

Aos professores e à universidade, pelas experiências, oportunidades e aprendizados.

Aos meus pais, pelo DVD de *Peter Pan* (2003) que me introduziu à estética pirata que baseou a existência deste livro.

Resumo

Este trabalho propõe apresentar o desenvolvimento de um compilado editorial relatando a vida dos piratas da Era de Ouro da Pirataria, aprofundando o conhecimento destes personagens históricos para além de seus aspectos romantizados na cultura pop.

Assim, a pirataria no Caribe tem suas características violentas e brutais palatáveis a todos, fazendo-se necessário um espaço de exposição da vida real desses personagens, sobretudo que essas informações já existentes não estão disponíveis em abundância na língua portuguesa, menos ainda envoltos de um projeto gráfico interessante.

Busco sensibilizar, por meio de imagens, desenhos e textos autorais, entusiastas e leigos sobre como eram de fato esses personagens históricos para além de seus estereótipos, com uma linguagem acessível, porém, que fuja do teor dos livros didáticos. A metodologia do projeto será pautada na pesquisa descritiva do tema, abordando qualitativamente os dados levantados em dois livros de especialistas, *The Pirates' Code: Laws and Life Aboard Ship*, de Rebecca Simon e *The Golden Age of Piracy: The Truth Behind Pirate Myths*, de Benerson Little, apoiados por informações adicionais encontradas em artigos e sites.

Assim, o presente Trabalho de Conclusão de Curso incluiu textos e imagens de caráter autoral, edição e diagramação, buscando uma linha de raciocínio que englobasse desde o cotidiano de um pirata até suas crenças.

Palavras-chave: História; Livro; Design editorial; Piratas; Romantização

Abstract

This work proposes to present the development of an editorial compilation recounting the lives of pirates during the Golden Age of Piracy, delving deeper into the knowledge of these historical figures beyond their romanticized portrayals in pop culture. Thus, piracy in the Caribbean, with its violent and brutal characteristics, is often presented in a palatable way, making it necessary to create a space that exposes the real lives of these individuals. This is especially important considering that such information, though existing, is not widely available in Portuguese - let alone accompanied by an engaging graphic design project.

Through images, illustrations, and original texts, I aim to raise awareness among both enthusiasts and laypeople about what these historical figures were truly like, beyond stereotypes, using an accessible language that avoids the tone of traditional textbooks. The methodology of the project will be based on descriptive research of the topic, qualitatively addressing the data collected from two expert-authored books: *The Pirates' Code: Laws and Life Aboard Ship* by Rebecca Simon and *The Golden Age of Piracy: The Truth Behind Pirate Myths* by Benerson Little, supplemented by additional information found in articles and websites.

Therefore, this Final Undergraduate Project includes original texts and images, editing, and layout design, seeking to construct a line of reasoning that encompasses everything from a pirate's daily life to their beliefs.

Keywords: History; Book; Editorial Design; Pirates; Romanticization

Lista de figuras

- 16** | Figura 1 - Pintura de William Kidd, por Sir James Thornhill
- 17** | Figura 2 - A dupla Jim Hawkins e Capitão Long John Silver em A Ilha do Tesouro (1950)
- 18** | Figura 3 - Capitão Jack Sparrow e Will Turner em Piratas do Caribe: A Maldição do Pérola Negra (2003)
- 19** | Figura 4 - Capitão Jack Sparrow em LEGO Pirates of the Caribbean: The Video Game (2011)
- 19** | Figura 5 - Captura de tela de Sid Meier's Pirates!
- 19** | Figura 6 - Batalha naval em Assassin's Creed IV: Black Flag (2013)
- 20** | Figura 7 - Imagem promocional de Sea of Thieves (2018)
- 21** | Figura 8 - Imagem promocional de Watchmen: O Filme (2009)
- 22** | Figura 9 - Cena de Deadpool (2016)
- 22** | Figura 10 - Os supostos super-heróis de The Boys (2019-atual)
- 22** | Figura 11 - Killmonger em uma cena de Pantera Negra (2018)
- 22** | Figura 12 - O "palhaço do crime" em Coringa (2019)
- 23** | Figura 13 - Wagner Moura em Narcos (2015-2017)
- 23** | Figura 14 - Evan Peters em Dahmer: Um Canibal Americano (2022)
- 24** | Figura 15 - Thanos em Vingadores: Guerra Infinita (2018)
- 24** | Figura 16 - Walter White em Breaking Bad (2008-2013)
- 28** | Figura 17 - Mural da vitória de Ramsés III contra os Povos do Mar
- 29** | Figura 18 - Valhalla, por Emil Doepler
- 30** | Figura 19 - Nydam, um exemplo de navio nórdico
- 32** | Figura 20 - Retrato de Thomas Cavendish
- 32** | Figura 21 - Retrato de Sir James Lancaster
- 35** | Figura 22 - Ilustração de Stede Bonnet
- 37** | Figura 23 - Battle of Vigo Bay 1702, por Ludolf Bakhuizen

- 38** | Figura 24 - Ilustração de Anne Bonny e Mary Read
- 39** | Figura 25 - Interpretação de roupas de piratas
- 40** | Figura 26 - Mapa atual do Caribe
- 41** | Figura 27 - Ilustração da ilha de Tortuga
- 42** | Figura 28 - Ilustração de Port Royal por volta de 1690
- 42** | Figura 29 - Arte conceitual de Nassau em Assassin's Creed IV: Black Flag (2013), por Maxime Desmettre
- 43** | Figura 30 - Libertalia em Uncharted 4: A Thief's End (2016)
- 45** | Figura 31 - Stede Bonnet (Rhys Darby) e Barba-Negra (Taika Waititi) em Nossa Bandeira é a Morte (2022-2024)
- 46** | Figura 32 - An Attack on a Galleon, por Howard Pyle
- 47** | Figura 33 - Hudson River Sloop Phillip R.aulding, por James E. Buttersworth
- 47** | Figura 34 - Painting of the German barque Paula, por Édouard Adam
- 48** | Figura 35 - Cena de As Aventuras de Tintim (2011)
- 49** | Figura 36 - Uma bandeira negra, atribuída a Jack Rackham
- 49** | Figura 37 - Bandeira da Cruz de São Jorge
- 50** | Figura 38 - A Pavillon Blanc
- 50** | Figura 39 - Bandeira da Cruz de Borgonha
- 50** | Figura 40 - Bandeira dos Estados Gerais
- 52** | Figura 41 - Later Period Cook's Mates Preparing Food, por Thomas Maclean
- 53** | Figura 42 - Captain Keith on the deck of his ship, por Howard Pyle
- 55** | Figura 43 - An Action between English Ships and Barbary Corsairs, por Willem van de Velde
- 57** | Figura 44 - Walking the Plank, por Howard Pyle

- 59** | Figura 45 - Blackbeard the Pirate, por Joseph Nicholls
- 60** | Figura 46 - Captain Bartho. Roberts with two Ships, Viz the Royal Fortune and Ranger, takes in Sail in Whydah Road on the Coast of Guinea, January 11th. 1721/2, por Benjamin Cole
- 61** | Figura 47 - Henry Every no roubo do navio Ganj-i-Sawai
- 64** | Figura 48 - Kraken, an unconfirmed cephalopod, por W. H. Lizars
- 64** | Figura 49 - Davy Jones sitting on his locker, por John Tenniel
- 65** | Figura 50 - Navios fantasmais no jogo Sea of Thieves (2018)
- 66** | Figura 51 - A Pirate hanged at Execution Dock
- 70** | Figura 52 - Infografia sobre a Amazônia
- 70** | Figura 53 - Infografia sobre a Copa do Mundo de 2014
- 72** | Figura 54 - Miss Fortune, do jogo League of Legends (2009)
- 72** | Figura 55 - Capitão Barbossa e seu macaco morto-vivo Jack
- 80** | Figura 56 - Logo da franquia Piratas do Caribe
- 80** | Figura 57 - Logo do jogo Sea of Thieves (2018)
- 80** | Figura 58 - Logo da série Black Sails (2014-2017)
- 81** | Figura 59 - Primeiro arranjo das palavras do logo
- 81** | Figura 60 - Versão mais elaborada com o título e subtítulo
- 82** | Figura 61 - Ícone de caveira do logo
- 82** | Figura 62 - Versão final do logo
- 83** | Figura 63 - Mapa mental do projeto
- 88** | Figura 64 - Rascunho das páginas 10 e 11
- 88** | Figura 65 - Páginas 10 e 11 finalizadas
- 89** | Figura 66 - Rascunho das páginas 14 e 15
- 89** | Figura 67 - Páginas 14 e 15 finalizadas
- 90** | Figura 68 - Espelho completo do projeto

Sumário



10 | I - INTRODUÇÃO DO PROJETO



13 | II - A PIRATARIA NA CULTURA POP

- 14 | 2.1 - O que é um pirata
- 15 | 2.2 - O fascínio por piratas
- 16 | 2.3 - Os piratas na literatura e no audiovisual
- 21 | 2.4 - O anseio pelos anti-heróis



26 | III - A PIRATARIA PELA HISTÓRIA

- 27 | 3.1 - Os piratas da Antiguidade
- 29 | 3.2 - Os piratas da Idade Média
- 31 | 3.3 - Os piratas no Brasil



34 | IV - A PIRATARIA NO CARIBE

- 35 | 4.1 - Como surgia um pirata
- 38 | 4.2 - O perfil de um pirata caribenho
- 40 | 4.3 - O Caribe e seus refúgios seguros
- 44 | 4.4 - Piratas em terra e seus relacionamentos
- 46 | 4.5 - Os navios piratas e suas bandeiras
- 51 | 4.6 - As tripulações e suas condições
- 54 | 4.7 - Batalhas navais e seus saques
- 56 | 4.8 - Código Pirata e violência
- 59 | 4.9 - A lenda de notórios piratas
- 63 | 4.10 - Crenças e superstições
- 66 | 4.11 - O declínio da vida pirata

A METODOLOGIA DO PROJETO - V | 68

- Potencial da ilustração na informação - 5.1 | 69
- A relação entre imagem e texto no discurso - 5.2 | 71
- Recorte temporal do tema - 5.3 | 74
- Referências selecionadas - 5.4 | 75
- Escolha de tom do projeto - 5.5 | 77
- Título do livro e seu público-alvo - 5.6 | 78



O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO - VI | 79

- Logo - 6.1 | 80
- Planejamento editorial - 6.2 | 83
- Paleta de cores - 6.3 | 86
- Tipografia - 6.4 | 87
- União entre desenhos, imagens e textos - 6.5 | 88
- Especificações técnicas - 6.6 | 91



REFERÊNCIAS | 92

INTRODUÇÃO DO PROJETO



Aqui falo sobre o que me fez encerrar a graduação com um editorial sobre piratas, ainda mais de um período específico da história, discorrendo sobre a Era de Ouro da Pirataria, minhas referências, anseios profissionais e objetivos com esse projeto. Assim, trace um curso para o Caribe dos séculos XVII e XVIII e descubra um pouco mais sobre a suja, complexa e violenta pirataria do período e como *Vida de Pirata: Um Guia Ilustrado* foi desenvolvido a partir dela.

1

Simon (2023, p.20) avalia que a Era de Ouro da Pirataria foi de 1650 até 1730. Little (2016, p.xxiv) estima sua duração de 1655 até 1725.

Já Konstam (2009, p.124) afirma que esse período durou pouco mais de uma década após 1715, já que a pirataria estava anteriormente concentrada no Oceano Índico.

De qualquer forma, os três autores trabalham com aproximações, e neste projeto buscou-se abranger o máximo possível o recorte temporal baseado nas informações dos três autores.

2

Konstam (2009, p.124).

Um desses momentos da história, fascinante para muitas pessoas, incluindo o graduando que vos fala, é a chamada Era de Ouro da Pirataria. Trata-se do período compreendido de 1650 a 1730,¹ sendo um recorte temporal que nos leva até os mares do Caribe em um contexto turbulento de violência, expansão marítima, guerra entre Coroas europeias e abundância de saques navais, com inúmeros piratas infames assumindo o protagonismo dessa era que, em diversas mídias, é marcada por noções de aventura, estilo e fantasia. Vale destacar que esse termo, de origem desconhecida, conversa com a proposta desse livro, já que ele deriva a partir das pré-concepções românticas que existem sobre essa era, se referindo ao período que incorpora todas as noções que temos sobre piratas, independente da era na qual eles se encontram.²

Desde os contos de fadas até as produções de Hollywood, os piratas, seus costumes e contextos sociais são comumente romantizados, com uma paleta bem definida, muitas vezes composta por excêntricas figuras trajando distintas vestimentas, papagaios nos ombros e linguajar caricato, lutando contra esqueletos, fantasmas e afins. O furor da liberdade e a curiosidade pela rebeldia atuam como motores na construção de uma pirataria palatável e instigante, desconsiderando cruciais elementos

sociais, econômicos e políticos do período que diluíram a fantasia proposta.

Como pessoa criativa, sempre gostei de fantasia, como nos exemplos de piratas citados acima, mas a história real que poderia haver por trás me fascinava tanto quanto. Tanto interesses mundanos, quanto uma famosa ponte laranja em São Francisco, Califórnia, até um navio titânico inafundável, que afundou em sua primeira viagem, toda a construção de histórias, mitos e lendas com lugares ou personalidades reais me fazia querer desenvolver alguma coisa que aproximasse as pessoas desses temas, que me cativavam tanto. Seja por desenhos ou textos para amigos, é muito satisfatório olhar para trás e perceber que, agora, tenho grandes condições de produzir projetos do escopo que eu sempre imaginara, dada minha evolução técnica e acadêmica.

Dessa forma, a decisão de conceber um livro ilustrado sobre um tema de grande interesse é um aceno ao meu futuro profissional, sendo o design editorial uma das áreas na qual eu gostaria de produzir ou participar de grandes obras, com foco na concepção, diagramação e direção de arte. Não menos importante, esse projeto também representa uma satisfação pessoal, sendo uma grande reunião de paixões e habilidades individuais, sejam temáticas, editoriais e artísticas,

considerando que o design entrou na minha vida como uma extensão da vontade de me expressar por meio de ilustrações, hábito que tenho desde criança e nunca tive em vista abandonar.

Reunindo nesse projeto características de design editorial, ilustração, concepção de personagem e construção de narrativa, seu principal objetivo é expor de forma simples e convidativa os aspectos gerais da vida pirata caribenha no período previamente dito, usando a ludicidade do tema para ir além do imaginário popular no desenvolvimento de um panorama abrangente das especificidades da pirataria, como condições de vida e sociais dos piratas em terra, mar e suas ações nas águas do Caribe, com suas locações e notórios pontos de interesse elucidados, ademais retratando as verdadeiras figuras que navegavam a região, conscientizando adolescentes e adultos amantes e entusiastas dessa vasta temática.

A PIRATARIA NA CULTURA POP



A história sempre foi palco cativante para muitas obras ficcionais, com diversos períodos históricos sendo explorados ao longo do tempo, como Guerras Mundiais, Antigo Egito, Império Romano, Revolução Francesa, entre muitos outros. A pirataria tem seu espaço na cultura pop conquistado a partir de livros como *A Ilha do Tesouro* (1883) e filmes como *Piratas do Caribe: A Maldição do Pérola Negra* (2003), porém nota-se que sua pregnância engloba todos os públicos, sobretudo o infanto-juvenil, que desde sempre tem acesso a versões romantizadas da verdadeira natureza dos piratas, sem mencionar que todo o imaginário popular relativo a pirataria deriva dos piratas da chamada Era de Ouro da Pirataria, que será explorada no quarto capítulo. Por ora, vamos explorar porque as pessoas gostam tanto dessas figuras violentas e criminosas.

O que é um pirata

2.1

3

Tradução nossa para "a person on a ship who attacks other ships at sea in order to steal from them".

4

Tradução nossa para "illegally copied".

O dicionário Oxford define o substantivo "pirata" como "Pessoa a bordo de um navio que ataca outros navios para roubá-los" (Oxford, 2024).³ A atividade da pirataria é reconhecida como crime em todas as suas formas, analógicas e digitais, com o dicionário Cambridge caracterizando o adjetivo "pirata" como "ilegalmente copiado" (Cambridge, 2024)⁴, versão da palavra que estamos acostumados no dia a dia moderno. Neste contexto, quando nos referimos às cópias de produtos obtidos ou reproduzidos ilegalmente para distribuição gratuita ou por preço reduzido, muitas vezes evidenciamos um grau de qualidade inferior se comparado ao original.

Em sua origem, essa palavra vem do grego *peiratēs*, significando "bandido" em ampla tradução. Porém essa não foi a única denominação que esse grupo de pessoas sofreu pela história, com piratas, corsários e bucaneiros sendo usados como sinônimos do mesmo exercício criminoso. Olhando de forma prática, não está de todo errado, porém as especificidades de cada nome divergem na execução. Pirata é um termo generalizado. Já o nome "bucaneiro" é "derivado do francês *boucan*, um tipo de grelha para defumar carne, e foi inicialmente aplicado a caçadores de caça selvagem

franceses que viviam no oeste da Hispaniola no início do século XVII" (Encyclopedia Britannica, 2017).⁵

Curiosamente, a única coisa que difere um corsário de um pirata é a sanção de um rei por meio de cartas de corso, um documento que conferia permissão para o indivíduo pilhar navios e atacar assentamentos de um país rival específico, sendo assim uma atividade legal e lucrativa. "Os corsários às vezes iam além das suas comissões, atacando embarcações que não pertenciam ao país-alvo. Esses saques e pilhagens extras eram indistinguíveis de pirataria, conforme definido acima." (Encyclopedia Britannica, 2017).⁶

Essa interpretação por parte do governo representa uma interessante questão moral quanto à existência da atividade pirata no que tange os âmbitos econômicos e criminais, com a pirataria sendo acobertada quando havia utilidade para os detentores do poder da época. A separação entre pirata e corsário era tênue, e isso se refletia na sociedade.⁷

5

Tradução nossa para "derived from the French *boucan*, a grill for smoking meat, and was first applied to French wild game hunters living in western Hispaniola in the early 17th century".

6

Tradução nossa para "Privateers sometimes went beyond their commissions, attacking vessels that didn't belong to the targeted country. This extracurricular raiding and pillaging was indistinguishable from piracy as defined above".

7

Disponível em: <<https://www.britannica.com/story/pirates-privateers-corsairs-buccaneers-whats-the-difference>>. Acesso em: 27 de fev. de 2024.

O fascínio por piratas

2.2

A pirataria não é apenas uma parte fixa da história, como também se tornou por si só um gênero bem estabelecido no imaginário popular, sendo um tema histórico envolto de fantasia. Sabe-se um volume considerável de informações sobre os piratas caribenhos nos séculos XVII e XVIII, porém muito conteúdo se perdeu pelo tempo, abrindo uma brecha natural para que as pessoas divagassem em amplas possibilidades, criando contos e preenchendo lacunas acerca do estilo de vida dessas figuras históricas.

Junta-se a isso o contraste da vivência contemporânea com a vida desse período, quando navios eram os principais meios de transporte, a comunicação era extremamente lenta, a desigualdade social era brutal e os cantos do mundo ainda estavam ganhando forma nos mapas.⁸ Como seres humanos, sempre nos fascinamos pela nossa própria evolução, com o passado, por vezes, sendo reverenciado pelas suas conquistas e avanços. Entretanto, apesar da distância massiva de tempo entre nós, dos tempos atuais, e os séculos XVII e XVIII, que naturalmente instigam muitos ávidos por conhecimento, tal distância acaba também por diluir outros pontos inerentes desse período que não são palatáveis a todos ou dignos de louvor. Alguns

exemplos incluem a escravidão, os papéis de gênero, rigorosamente estabelecidos, com o homem sendo a figura provedora do sustento e a mulher responsável apenas pelo cuidado doméstico, e a navegação marítima compreendida pela colonização, com exploração de recursos valiosos por meio de mão de obra barata. Sendo os piratas personagens atuantes dessa época, é natural que as obras sobre eles devem envolver, de forma ampla ou velada, tais elementos dessa sociedade, retomando a curiosidade sobre como era a vida há quatro séculos atrás.⁹

Outro foco de apelo pela pirataria clássica é o desafio da condição vigente da sociedade. “Os piratas da Era de Ouro surgem exatamente quando as formas legais de nação moderna e acordos comerciais internacionais estavam se desenvolvendo, com restrições legais, sociais e morais crescentes sobre a expressão do eu.” (BBC, 2017).¹⁰ Assim, a fantasia de um indivíduo que vai contra as normas estabelecidas em um ato rebelde de liberdade, sem leis e sob sua própria bandeira, ganhou o interesse de muitos curiosos, sobretudo ao considerarmos a figura de William Kidd, os livros como *A Ilha do Tesouro* (1883) e os filmes como *Piratas do Caribe*.

8

Mais informações sobre a Era das Navegações disponível em: <<https://www.thoughtco.com/age-of-exploration-1435006>>. Acesso em: 07 de set. de 2024.

9

Informações compiladas a partir das leituras de Simon (2023) e Little (2016).

10

Tradução nossa para “The Golden Age pirates appear just as the legal forms of modern nationhood and international trade agreements were developing, with increasing statutory, social and moral restrictions on the expression of the self”.

Os piratas na literatura e no audiovisual

2.3

A romantização da figura do pirata passa além de seu aspecto visual, com seu comportamento também instigando um espetáculo midiático, desde que navegavam pelos mares. Vemos isso na figura do Capitão William Kidd (1645–1701) e pelo modo como seus atos de pirataria eram expostos na mídia, como sua fuga das autoridades britânicas tendo grande repercussão perante o público da época. Porém, o que sacramentou sua presença na história foi um registro escrito no qual Kidd afirma ter enterrado um vasto número valioso de suas posses, o que instigou a imaginação e a determinação de muitos curiosos à caça de um suposto tesouro lendário, o qual nunca foi encontrado de fato.¹¹

11

Simon (2023, p.64).

Tais elementos criaram uma aura épica em torno de William Kidd, tanto nos jornais da época quanto em obras frente ao seu tempo, levando a historiadora perita em piratas Dr^a. Rebecca Simon a afirmar que o pirata foi um dos, senão o principal responsável pela romantização maior da pirataria que conhecemos hoje. “Isso acontece porque a carreira dele estava sendo muito destacada, e as pessoas acompanhavam ao vivo o que estava acontecendo com ele.” (HistoryNet, 2022).¹²

12

Tradução nossa para “This is because his career was just highlighted so much, and people were following along with what was going on with him live as it was happening”.



Figura 1 - Pintura de William Kidd, por Sir James Thornhill. Fonte: Wikimedia Commons

Quanto à romantização voltada ao aspecto visual, à imagem clássica do estereótipo do pirata como é conhecida e foi previamente estabelecida no item Introdução desta monografia. As pernas-de-pau, papagaios nos ombros, ganchos na mão e teatralidade tem raízes no livro *A General History of the Robberies and Murders of the most notorious Pyrates*, publicado em 1724 sob o pseudônimo Capitão Charles Johnson, cuja identidade real segue desconhecida. Passeando entre relatos de fontes ditas confiáveis e informações

Tradução nossa para "Although most of his pirate biographies are largely factual, he sometimes invented facts to fill in the empty places in his descriptions, and he even altered facts to make his stories more interesting".

exageradas, o livro oferece biografias de diversos piratas, narradas para cativarem o leitor a ponto de elevarem tais figuras a um patamar mítico, envoltas em relatos reais, exagerados ou fictícios.¹³ "Embora a maioria de suas biografias de piratas seja amplamente factual, ele às vezes inventava fatos para preencher as lacunas em suas descrições e até alterava fatos para tornar suas histórias mais interessantes" (Little, 2016, p.218).¹⁴

Sob forte influência dessas narrações, o autor escocês Robert Louis Stevenson concebe *A Ilha do Tesouro*, história serializada, publicada completa como livro em 1883, constituindo um marco da temática pirata na cultura pop. Considerando sua adaptação cinematográfica homônima, de 1950, dirigida por Byron Haskin, a história acompanha os dias do jovem Jim Hawkins em busca de um tesouro enterrado, integrando com outros piratas em sua aventura, como o fictício Capitão Long John Silver, que se tornou o destaque da história pelo seu carisma, personalidade dúbia e linguajar caricato. Esse personagem acabou sendo o perfeito estereótipo do pirata aos olhos do público, com um papagaio nos ombros, perna de pau e termos como *Arrr!* e *Shiver me, timbers*, expressão que, em português, pode ter sua equivalência como "Macacos me mordam!", ambas em sotaque britânico carregado, expressadas teatralmente.



Figura 2 - A dupla Jim Hawkins e Capitão Long John Silver em *A Ilha do Tesouro* (1950).
Fonte: Rotten Tomatoes

O icônico personagem de Robert Louis Stevenson possivelmente deixou marcas em J.M. Barrie, seu conterrâneo autor que desenvolveu *Peter Pan*, originalmente como peça teatral em 1904 e posteriormente como romance em 1911. A clássica história segue o menino que nomeia a história em uma aventura com sua fada Sininho para levar os jovens Wendy, John e Michael até a Terra do Nunca, um local encantado, porém ameaçado pelos piratas da tripulação do temido Capitão Gancho. O personagem, assim como seus tripulantes, antagonizam com Peter Pan e seus amigos por meio de atos vilanescos, porém com uma camada de leveza e humor, sendo o aspecto cômico-

A letra completa no idioma original, inglês, está disponível em: <<https://www.agalume.com.br/temas-de-filmes/piratas-do-caribe-yo-ho-ho-a-pirates-life-for-me.html>>. Acesso em: 26 de set. de 2024.

Disponível em: <<https://www.boxofficemojo.com/franchise/fr3494350597/>>. Acesso em: 07 de set. de 2024.

co uma faceta recorrente da representação pirata na cultura, ainda considerando o seu público-alvo infanto-juvenil.

A Disney solidificou ainda mais esses estereótipos de linguajar e costumes com Piratas do Caribe, uma atração dos seus parques que, não apenas popularizou a canção *Yo Ho (A Pirate's Life for Me)*¹⁵ como uma espécie de tema pirata, mas também foi a base da franquia homônima, com seu sucesso sendo mediado pela bilheteria de mais de quatro bilhões e meio de dólares somados em cinco longas-metragens.¹⁶ O primeiro filme, *Piratas do Caribe: A Maldição do Pérola Negra* (2003), acompanha Will Turner em uma jornada para salvar sua amada Elizabeth Swann, filha do Governador de Port Royal, das garras de uma tripulação de piratas amaldiçoados, tudo com a ajuda imprevisível do pirata Jack Sparrow, em uma trama bem humorada rodeada de traições. Nota-se que a personagem Elizabeth incorpora o desejo pela vida pirata idealizada, ansiando pela liberdade e aventura que habitavam nesse modo de viver, muito diferente da sua vivência rodeada de tédio e formalidades. Essa contraposição da vida aristocrata são ideais incorporados no personagem Jack Sparrow, que apesar de ser um coadjuvante, tornou-se um favorito absoluto dos espectadores. A atuação de seu intérprete, Johnny Depp, foi baseada na estrela do rock Keith Richards,

roubando as cenas com seus maneirismos cômicos e apresentação carismática, ressaltando o paralelo popular entre piratas e celebridades, como se eles fossem astros rebeldes dos mares.¹⁷ Essas características moldaram o arquétipo do anti-herói com um coração de ouro, que apesar de assumir determinadas atitudes, tem sua bondade prevalecendo no final da narrativa.

Disponível em: <<https://www.ladbible.com/entertainment/johnny-depp-captain-jack-sparrow-sauna-20221116>>. Acesso em: 05 de mar. de 2024.



Figura 3 - Capitão Jack Sparrow e Will Turner em *Piratas do Caribe: A Maldição do Pérola Negra* (2003). Fonte: 3 Brothers Film

No mundo dos jogos eletrônicos, a temática pirata também manteve popularidade e fez bom proveito da fantasia emanada do imaginário popular, propondo diferentes experiências para os jogadores. *LEGO Pirates of the Caribbean: The Video Game* (2011) permite que os quatro primeiros filmes da franquia da Disney sejam jogados de forma cômica em formato de LEGO, clássica empresa de brinquedos dinamarquesa.



Figura 4 - Capitão Jack Sparrow em LEGO Pirates of the Caribbean: The Video Game (2011). Fonte: Happy Thumbs Gaming

Um jogo mais antigo, *Sid Meier's Pirates!* (2004), já possuía como proposta a abordagem de ação e estratégia, com o jogador embarcando em aventuras, caçando tesouros enterrados e ganhando dinheiro, tanto pelo comércio ou pelo engajamento em batalhas navais, visando o saque de bens.



Figura 5 - Captura de tela de Sid Meier's Pirates! (2004). Fonte: IGN

O jogo *Assassin's Creed IV: Black Flag* (2013) mergulha em uma perspectiva histórica, com o protagonista sendo um pirata fictício em busca de glória e ganho pessoal, por meio do qual o jogador explora os mares do Caribe em um leque amplo de atividades dentro e fora dos mares, enquanto interage com figuras históricas, como o Barba-Negra.



Figura 6 - Batalha naval em Assassin's Creed IV: Black Flag (2013). Fonte: Top Gear

Já *Sea of Thieves* (2018) se distingue dos demais jogos ao focar na experiência multijogador, com inúmeros jogadores livres pelo mapa, a bordo de seus navios, encorajados a entrarem em tripulações de outros jogadores, ou atacá-los visando realizar saques, em um universo cartunizado que abraça a fantasia, englobando monstros marinhos e demais seres sobrenaturais.



Figura 7 – Imagem promocional de Sea of Thieves (2018). Fonte: Xbox Achievements

Amplamente, o panorama da representação pirata na cultura pop navega rumo ao fantasioso, com recursos narrativos e hipérboles que, por vezes, já se provaram bem sucedidas e atraentes ao público, com os exemplos citados sendo os principais nomes da temática em seus respectivos campos literário, cinematográfico e interativo.

O anseio pelos anti-heróis

2.4

18

Tradução nossa para "The central character in a play, book, or movie who does not have traditionally heroic qualities, such as courage, and is admired instead for what society generally considers to be a weakness of their character".

19

Tradução nossa para "A character in a book, play, movie, etc. who harms other people".

Um anti-herói é "O personagem central de uma peça, livro ou filme que não possui qualidades heroicas tradicionais, como coragem, sendo admirado por aquilo que a sociedade geralmente considera uma fraqueza de seu caráter" (Cambridge, 2024).¹⁸ Já o vilão, se define como um "Personagem de um livro, peça, filme, entre outros, que fere outras pessoas" (Cambridge, 2024).¹⁹ A figura do pirata caminha em ambas definições, seja na ficção ou no mundo real. A cultura pop, historicamente, tratou e segue tratando os piratas como ou vilões cômicos, ou anti-heróis carismáticos, com vidas de pura aventura e atos de violência diluídos e sem peso, evitando assim uma total reprovação do público ao personagem que elas devem gostar de acompanhar. Mas, por que as pessoas gostam tanto de um anti-herói? Qual o motivo de tal representação ter se perpetuado até então com amplo sucesso e aceitação do público? Tal explicação pode se fundamentar em diversos elementos: tanto pela subversão dos papéis de mocinho e vilão, quanto pelo fascínio por crimes e figuras criminosas.

A dualidade do bem contra o mal é perfeitamente ilustrada nas histórias de super-heróis, tanto nos quadrinhos quanto em sua transposição para as

telas. Heróis como Super-Homem e Capitão América representam bondade, justiça e praticamente não possuem falhas de caráter, sendo personagens em que a maioria das pessoas poderia se inspirar.



Figura 8 – Imagem promocional de *Watchmen: O Filme* (2009). Fonte: Cineplayers

Com um vasto catálogo de histórias ao longo dos anos, esses e muitos outros heróis partilham os mesmos valores imutáveis e caráteres irretocáveis, levando outras mentes criativas a darem uma sacudida nessas histórias, surgindo assim subversões temáticas da clássica figura heroína, por vezes banhada de uma camada cínica, sombria, cativante e sarcástica, tal qual é *Watchmen: O Filme* (2009)²⁰, *Deadpool* (2016)²¹ e *The Boys* (2019-atual)²², todas adaptações audiovisuais de quadrinhos homônimos que, em ambas mídias, fizeram muito sucesso com público e crítica, por seus personagens complexos, detestáveis e psicóticos, transformando-se nos favoritos de muitos fãs pelo mundo.

20

A história do filme evita glamourizar a figura do super-herói, trabalhando temas complexos de moralidade e poder em um mundo à beira de uma guerra nuclear.

Este filme busca se diferenciar do filme padrão de quadrinhos sendo para maiores de idade, com bastante violência, sangue e piadas de teor adulto, protagonizado por um anti-herói que constantemente quebra a quarta parede para se dirigir ao público que o assiste.



Figura 9 - Cena de Deadpool (2016). Fonte: IMDB

A série reverte a cena comum das adaptações de quadrinhos de heróis ao apresentar um conceito de seres poderosos como produtos, onde suas ações e personalidades são ditadas por uma corporação com fins maléficos, com seus heróis refletindo maldade, arrogância, egocentrismo e insegurança.



Figura 10 - Os supostos super-heróis de The Boys (2019-atual). Fonte: CBR

A mexida no clássico papel do vilão também entrou para consideração com a maldade pura não sendo mais o suficiente para gerar conexão com as pessoas, com muitos vilões agora tendo origens trágicas e motivações tão plausíveis que a linha que os separam do mocinho se torna muito tênue. Personagens como Killmonger em *Pantera Negra* (2018)²³ e *Coringa* (2019)²⁴, oferecerem uma narrativa em seus filmes

para ampliar a percepção dos atos dos tradicionais antagonistas e gerar o questionamento se, de fato, tais personagens são mesmo vilões. Os resultados foram filmes que geraram impacto nas audiências, com muito dessa ressonância provocada por figuras anti-heróicas que cativaram o público por oferecerem a eles novas perspectivas das suas ações, assim como razões para terem empatia pelos seus atos.



Figura 11 - Killmonger em uma cena de Pantera Negra (2018). Fonte: Polygon

Interpretado por Michael B. Jordan, Killmonger reflete a luta racial ao se posicionar contra a postura do protagonista T'Challa, que, como rei da avançada nação africana de Wakanda, se recusa a usar seus vastos recursos tecnológicos para ajudar demais povos do continente. Tendo crescido longe da realeza, sua vivência o radicalizou na busca para atingir seu objetivo de reparação histórica.



Figura 12 - O "palhaço do crime" em Coringa (2019). Fonte: Plano Extra

Interpretado por Joaquin Phoenix, Arthur Fleck é uma reimaginação do clássico vilão do Batman, sendo um comediante frustrado com graves doenças mentais, isolado por todos ao seu redor. Quando ele adota uma postura violenta quem lhe opprime, uma parte da sociedade passa a lhe venerar, acendendo questões sobre o sistema de saúde, alienação e abandono.

Série sobre o fluxo de tráfico de drogas na América Latina. Sua agregação de notas de público e crítica está disponível em: <<https://www.rottentomatoes.com/tv/narcos>>. Acesso em: 08 de out. de 2024.

O entusiasmo por tais personagens dúbios não se limita apenas à arte, pois há histórias reais sobre crimes e figuras criminosas criando alto nível de interesse na população, como *Narcos* (2015–2017)²⁵ e *Dahmer: Um Canibal Americano* (2022)²⁶. Não é que os espectadores admirem o(s) criminoso(s) retratados, mas o interesse por tais personagens pode ser visto pelo nosso desejo natural em saber mais sobre a natureza humana, os motivos das nossas ações e o que nos levaria a cometer determinados atos, para muitos, impensáveis.



Figura 13 – Wagner Moura em Narcos (2015-2017). Fonte: El País

Minissérie sobre o assassino Jeffrey Dahmer. Sua audiência estuprada está disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/series/dahmer-um-canibal-americano-vira-um-dos-maiores-sucessos-da-netflix_21b0e-9a2ebf3aa3a2e326a136c41959a9b525d.html>. Acesso em: 08 de out. de 2024.



Figura 14 – Evan Peters em Dahmer: Um Canibal Americano (2022). Fonte: UOL

Ademais, o flerte com um lado íntimo obscuro é provocante e toca no imaginário humano relativo ao que faríamos em certas situações de perigo ou estressantes, como, a exemplo, possíveis reações a assaltos ou formas de lidar com uma pessoa detestável. Relativo a isso, o neuropsicólogo forense e psicanalista Richard Lettieri disserta sobre tal ímpeto de transgressão de limites pessoais, baseado no estudo conduzido pelo psicólogo evolucionista David Bus em seu livro *The Murder Next Door: Why the Mind Is Designed to Kill* (2005), no qual relata que 91% dos homens e 84% das mulheres já tiveram fantasias vívidas sobre matarem alguém.²⁷

Disponível em: <<https://www.psychologytoday.com/us/blog/decoding-madness/202109/why-are-we-so-interested-in-crime-stories>>. Acesso em: 04 de mar. de 2024.

Isso nos leva até os conceitos de Freud sobre Id, Ego e Superego, pois, segundo o professor de psicologia Dr. Saul McLeod, o Id seria a instância psíquica relacionada a impulsos e desejos de prazer, que desconsidera limites éticos e morais, em oposição ao Superego, elemento munido de tais limites, impondo regras de conduta sob uma noção de certo e errado. Já o Ego seria a estrutura da personalidade humana, atuando como uma espécie de meio-termo entre os impulsos do Id e moralidade do Superego, promovendo o equilíbrio em uma mente saudável.²⁸ Em muitas histórias criminais, o equilíbrio dos envolvidos se encontra fragilizado, revelando aspectos brutos e multifacetados que, de uma forma ou outra, nos fazem enten-

Disponível em: <<https://www.simplypsychology.org/psyche.html>>. Acesso em: 05 de nov. de 2024.

der um pouco mais sobre como funcionamos a uma distância segura, por intermédio de livros, filmes e afins, ao mesmo tempo que nos identificamos com determinadas ações a dado grau. A identificação do público caminha para os dois lados, tanto do criminoso quanto da vítima, em uma linha tênue que divide a empatia e a reprovação. Por exemplo, um estudo da Dra. K. Maja Krakowiak e da Dra. Mina Tsay-Vogel, afirma que personagens que cometem atos condenáveis por motivações altruistas tendem a serem percebidos de maneira positiva. (Krakowiak, K; Tsay-Vogel, 2013).

Exemplos dessa noção podem ser vistos em *Vingadores: Guerra Infinita* (2018) na figura do vilão Thanos, cuja motivação para dizimar metade dos seres vivos do universo era baseada no equilíbrio de recursos para a sobrevivência. Outro caso pode ser visto em *Breaking Bad* (2008–2013), com o protagonista Walter White se voltando para a produção de metanfetamina para sustentar sua família após seu diagnóstico de câncer. Saber os métodos de pensamento e razões pelas quais um assassino se tornou quem é, por exemplo, permite que simpatizemos em partes com o indivíduo, não o removendo da responsabilidade de seus atos, ainda que investigar os pormenores de uma mente criminosa geram novas percepções a serem aplicadas em variados contextos sociais e acadêmicos.

Por outro lado, o apelo de histórias criminais também pode ser visto na figura da vítima, não apenas ao nível empático pela sua dor, mas também na compreensão dos perigos ao redor, provocando reflexões acerca de como proceder ao se encontrar nas mesmas situações da mencionada vítima.²⁹

29

Disponível em: <<https://www.psychologytoday.com/us/blog/decoding-madness/202109/why-are-we-so-interested-in-crime-stories>>. Acesso em: 04 de mar. de 2024.



Figura 15 - Thanos em Vingadores: Guerra Infinita (2018). Fonte: B9



Figura 16 - Walter White em Breaking Bad (2008-2013). Fonte: Prodigital POP

Reunindo os fatores citados, pode-se dizer que os piratas caribenhos se encaixam na mistura das noções narrativas de anti-herói e vilão. O fato da pirataria ser uma atividade ilegal os enquadra na identificação natural do ser humano pela figura criminosa a fim de sabermos mais das causas que fazem um pirata, além de conhecimentos e visões acerca de suas ações, costumes e contextos. Ademais, a transposição dessas pessoas na cultura propiciou uma quebra nos padrões narrativos no que tange a noção pré-concebida do que é um herói ou um vilão, com a ideia do pirata como anti-herói sendo uma representação mais cativante, intrigante e mais condizente com a complexidade individual e contextual de tais indivíduos históricos, cujas vivências eram tão díspares que instigaram e ainda instigam idealizações voltadas para o apelo fantástico e idealizado do que seria uma vida pirata.

A PIRATARIA PELA HISTÓRIA



Apesar da Era de Ouro ganhar todos os holofotes quando se fala em piratas, a pirataria é uma atividade muito antiga e perdura até os dias atuais. Mesmo não se apresentando em todas as épocas marcada por saqueadores marítimos, este capítulo visa apresentar três períodos que conversem tematicamente com o foco do projeto, evidenciando que o terror causado pela pirataria não se restringiu ao Caribe dos séculos XVII e XVIII, nem que esses são os únicos piratas romantizados pela cultura pop.

Os piratas da Antiguidade

3.1

30

Disponível em: <<https://nuttersonline.com/ancient-trade-routes-mediterranean-sea/ancient-maritime-trade-routes-mediterranean-sea/>>. Acesso em: 10 de out. de 2024.

A pirataria é uma atividade muito antiga, tendo-se registros de piratas desde o Antigo Egito, cerca de 1300 a.C. Desse período até a Idade Média, a atividade pirata estava concentrada no Mar Mediterrâneo, uma região de importância ímpar para a agricultura e o comércio entre os continentes da Europa, África e Ásia. Esse comércio, de forma geral lucrativo, variava entre trocas de alimentos, especiarias, cargas valiosas³⁰ e, em especial, tráfico de escravos. Os saques de piratas eram contra essas comercializações citadas, abraçadas pelas nações em períodos de guerra, não se restringindo a obterem benefícios de tais ataques em tempos de paz, sobretudo se fossem contra nações inimigas. Uma pessoa virava pirata no Mediterrâneo quando o dinheiro não era suficiente para o sustento próprio ou de sua família, fosse pela baixa oferta de comércio, fraca colheita ou impossibilidade de plantio no solo da região em que morava. Porém, a vida de pirata também atiçava quem não passava extrema necessidade, com o tempo em mares abertos sendo uma possibilidade de maior locomoção e margem de lucros maiores, seja como membro de uma tripulação ou dono de um navio próprio. Nessa época, os navios eram comumente pequenos, ágeis e com proa afiada, próprios para navegação costeira.³¹

A história considera os Lukka como os primeiros piratas, situados nas costas da atual Turquia. Suas informações derivam principalmente de relatos do Império Hitita³² e dos egípcios, que sofriam com ataques aos seus comerciantes pelos Lukka, cuja presença nos mares foi diminuindo conforme o reino do faraó Ramsés II direcionava suas forças para eliminar esses piratas. Entende-se que seu desaparecimento completo possivelmente está ligado ao surgimento dos Povos do Mar³³, um grupo organizado composto por marinheiros de etnias distintas, cujas atividades eram compostas por invasões e devastações de terras em larga escala. “Embora os Povos do Mar sejam caracterizados como os primeiros grandes piratas do Mediterrâneo, suas origens, motivos e ações continuam sendo um mistério” (TheCollector, 2021).³⁴

Apesar dos Lukka serem os primeiros, esse grupo pirata misterioso era maior e mais poderoso, sendo uma das responsáveis pela queda da Era de Bronze e pela primeira grande batalha naval registrada. Após uma aliança com Líbia e Palestina, então inimigos do Egito, estabeleceu-se no delta do Nilo, em 1186 a.C., um confronto entre as forças marítimas egípcias e as dos Povos do Mar, que, apesar de serem grandes

32

Povo habitante do território da atual Turquia, cuja vastidão do seu Império ameaçava a soberania egípcia. Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/hittite/>>. Acesso em: 10 de out. de 2024.

33

Konstam (2009, p.17)

34

Tradução nossa para “Although the Sea Peoples are characterized as the first major pirates of the Mediterranean, their origins, motives, and actions remain a mystery”.

31

Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/Piracy/>>. Acesso em: 19 de mar. de 2024.

guerreiros, possuíam tropas inferiores àquelas do faraó Ramsés III, que derrotou os piratas e os expulsou de futuros registros históricos.³⁵



Figura 17 - Mural da vitória de Ramsés III contra os Povos do Mar. Fonte: The Collector

Após Os Povos do Mar, outros dois grupos de piratas tiveram destaque no mediterrâneo. O primeiro surgiu entre os grupos de piratas de Ilíria, região controlada pela rainha Teuta (230–228 a.C.), que apoiava a pirataria nos mares ao redor, gerando problemas no comércio, sobretudo para Roma, que a derrotou no conflito denominado Primeira Guerra Ilírica. A continuação da atividade pirata pelos sucessores do governo de Teuta resultou em mais duas guerras posteriores, com a última tendo seu fim na destruição de Ilíria pelos romanos. O segundo encontra-se em Creta, que naquela ocasião era o porto seguro para os piratas que navegavam a região do Mar Egeu, os quais faziam da ilha de Rodes, na Grécia, um alvo recorrente de

ataques. Dessa forma, o governo da pequena ilha, por meio de impostos sobre navios e cargas, fortificou sua marinha, com navios robustos e armados, em uma estratégia de sucesso que minou a pirataria no entorno. Porém, isso durou pouco tempo já que Roma, em um estado de más relações com Rodes, tornou sua ilha próxima de Delos um porto isento de impostos, diminuindo o fluxo comercial de Rodes e enfraquecendo o combate contra pirataria, elevando assim, novamente, a ação de piratas na região.

Com a pirataria se tornando um problema maior aos olhos de Roma, o general romano Pompeu Magno (106–48 a.C.) dividiu a região do Mediterrâneo em 13 distritos, estabelecendo um comandante e suas frotas para cada um deles. Assim que os piratas de um distrito eram derrotados, as frotas romanas se juntavam às demais forças dos outros distritos até que, em 67 a.C., o último distrito foi liberado de piratas, com Pompeu os integrando na sociedade romana como fazendeiros. Apesar desse movimento, por vezes, ser sacramentado como o fim da pirataria mediterrânea, Roma ainda se beneficiava de piratas auxiliando o comércio de escravos, negócio esse que o Império necessitava bastante. Após a queda do mesmo, em 476 a.C., a pirataria seguiu na troca de pessoas escravizadas para cidades da Ásia, como as pertencentes ao Império Bizantino.³⁶

Os piratas da Idade Média

3.2

37

Konstam (2009, p.28)

Com a queda do Império Romano Ocidental em 476 d.C., a Europa se afundou no período conhecido como Idade Média, ou “Idade das Trevas”, assombrado pelo caos, desordem, baixa no comércio e ausência de autoridades firmes, sendo o cenário ideal para saqueadores marítimos.³⁷ A presença pirata nesse período é assumida pelos vikings, cujo termo, devendo sua distante origem, teve diversos significados ao longo da história. A palavra *vik*, termo da antiga língua islandesa, variante da antiga língua nórdica, significa “baía” ou “córrego”, denominando possíveis marinheiros se escondendo em enseadas escandinavas. Escritas da antiga língua nórdica escandinava nomeiam saqueadores ou assaltantes (*raider*, em tradução própria) como *vikingr*.³⁸ O dicionário Oxford considera *viking* “Um membro de um povo escandinavo que atacou e, às vezes se estabeleceu em partes do noroeste da Europa, incluindo a Grã-Bretanha, entre os séculos VIII e XI” (Oxford, 2024)³⁹, sendo bruscamente associado a piratas em geral, dada a natureza semelhante de suas práticas.

O estilo de vida viking tem suas origens nos contos dos deuses nórdicos documentados no *Edda Poético*, coleção contendo relatos orais manuscritos de

poemas mitológicos. Sob a crença de que os deuses haviam dado a este povo o sopro de vida o qual deviam provar serem dignos de tal bênção, os nórdicos, incluindo os vikings, eram carregados de valores como força, coragem e honra, acreditando que guerreiros mortos em batalha iam para *Valhalla*, o reino pós-vida de Odin, a figura suprema da mitologia nórdica intitulada “Pai de Todos”.

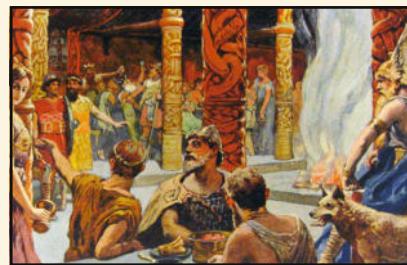


Figura 18 - Valhalla, por Emil Doepler. Fonte: World History Encyclopedia

Dessa forma, muitos jovens viajavam para fora de suas terras em prol de ganhar experiência e dinheiro até voltarem à sua terra natal tempos depois, conceito glorificado na literatura do período.⁴⁰ Tais valores eram vistos nas suas viagens, seja na terra

38

Disponível em: <<https://www.atlasobscura.com/articles/origin-of-the-word-viking-why-vikings-called-vikings>>. Acesso em: 07 de mar. de 2024.

39

Tradução nossa para “a member of a Scandinavian people who attacked and sometimes settled in parts of north-west Europe, including Britain, in the 8th to the 11th centuries”.

40

Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/Vikings/>>. Acesso em: 14 de mar. de 2024.

41

Disponível em: <<https://jmvh.org/article/viking-warfare-ships-and-medicine/>>. Acesso em: 14 de mar. de 2024.



Figura 19 – Nydam, um exemplo de navio nórdico. Fonte: World History Encyclopedia

42

Disponível em: <<http://www.cindyvallar.com/medieval.html>>. Acesso em: 14 de mar. de 2024.

A dinâmica pirata na Idade Média tratava a pirataria passivamente, com a repressão aos saqueadores, posta em segundo plano pelos monarcas, que concediam cartas de represália para comerciantes que tinham suas cargas atacadas por piratas de outro país. Contudo, os monarcas do dito país também faziam o mesmo.⁴² Considerando esse cenário, durante o século XVIII, estratégias para conter

a pirataria nos mares Báltico e do Norte surgiram na forma da Liga Hanseática, uma aliança político-econômica entre os países da região em prol da maior prosperidade do comércio e proteção mútua de seus membros.⁴³ A Cinque Ports também possuía o mesmo objetivo de progresso e proteção comercial, sendo ela uma confederação de cidades costeiras da Inglaterra, com o nome fazendo alusão aos cinco portos originais do grupo (Hastings, New Romney, Hythe, Dover e Sandwich).⁴⁴ Entretanto, a pirataria não estava distante de suas ações, com os membros da Cinque Ports realizando atos piratas contra navios de outras cidades inglesas ou mesmo atacando navios que não pagavam dinheiro de proteção.⁴⁵

Com o avanço da propagação do Cristianismo na Escandinávia, pelos séculos X e XI, e os rumos da história deixando para trás a dita era das trevas rumo ao período de iluminação intelectual, artística e cultural do Renascimento, a atividade viking diminuiu consideravelmente.⁴⁶ Porém, assim como os piratas da Era de Ouro, estes se estabeleceram permanentemente na cultura pop, sendo temas de diversos livros, filmes, séries e jogos de sucesso, a exemplo da série *Vikings* (2013–2020) e do jogo *Assassin's Creed Valhalla* (2020).

43

Disponível em: <https://www.worldhistory.org/Hanseatic_League/>. Acesso em: 14 de mar. de 2024.

44

Disponível em: <<https://www.winchester.gov/the-town-story/history/cinque-ports/>>. Acesso em: 19 de mar. de 2024.

45

Disponível em: <<http://www.cindyvallar.com/medieval.html>>. Acesso em: 14 de mar. de 2024.

46

Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/Vikings/>>. Acesso em: 14 de mar. de 2024.

Os piratas no Brasil

3.3

Apesar de pouco difundida nos livros didáticos de história, a pirataria nos mares brasileiros teve marcante pregnância, sendo responsável por atos de terror e tentativas de tomadas territoriais no período colonial, além de ter sido responsável pela própria colonização do atual Brasil pelos portugueses. Estes, juntamente dos espanhóis, eram protagonistas da expansão marítima, utilizando avançados conhecimentos navais para tomada de novos territórios e ampliação de rotas comerciais entre a Europa e a Índia. Após o Tratado de Tordesilhas em 1494, acordo entre Portugal e Espanha que estabeleceu uma linha imaginária, que dividiu o mundo entre eles, as tensões com as demais potências europeias aumentaram, já que essa divisão de territórios não foi aceita entre elas.

Naturalmente, essas nações, França, Inglaterra, Países Baixos e Dinamarca, retaliaram a dupla ibérica, lançando expedições de reconhecimento à América, que até então não possuía total atenção dos portugueses, focados nas rotas ao continente africano e na subsequente exploração de especiarias, metais preciosos e comércio de escravos. Ademais, os navios portugueses sofreram diversos ataques de

corsários, piratas dotados de permissão real para saquear embarcações, das Coroas citadas, o que levou Portugal a acelerar o processo de colonização de seus territórios americanos para marcar maior presença, fortalecer a defesa do litoral e assim diminuir a crescente ameaça pirata. Além das investidas dos rivais europeus não reduzirem, houve casos emblemáticos que marcaram a geografia do litoral do atual Brasil envoltos de terror à população local.⁴⁷

Duas invasões inglesas são dignas de maior destaque, estas lideradas por Thomas Cavendish e James Lancaster. As jornadas de Thomas em litoral brasileiro foram documentadas por um membro de sua tripulação em um livro chamado *As Incríveis Aventuras e Estranhos Infortúnios de Anthony Knivet: Memórias de um aventureiro inglês que em 1591 saiu de seu país com o pirata Thomas Cavendish e foi abandonado no Brasil, entre índios canibais e colonos selvagens*. Nessas histórias, Knivet relata o terror mandado pelo seu então capitão, como incêndio de casas de Ilha Grande e Santos, além de saques e mais queimadas a engenhos no caminho até São Vicente, que também fora destruída. Sua retirada, após meses de pilhagem na costa brasileira, se deu após uma derrota em Vito-

47

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=waLCCzAxeWo&t=2s>>. Acesso em: 26 de set. de 2024.

Disponível em: <<https://marsemfim.com.br/piratas-que-atormentaram-o-litoral-do-brasil/>>. Acesso em: 26 de set. de 2024.

ria, que resultou no abandono de Anthony no Brasil.⁴⁸



Figura 20 – Retrato de Thomas Cavendish. Fonte: World History Encyclopedia

Já James Lancaster liderou um saque de gigantes proporções, com o corsário inglês partindo de Blackwell, Londres, reforçando sua frota, capturando navios espanhóis e portugueses pelo caminho até chegar em Recife, quando em 1595, saqueou a cidade por volta de um mês, com o tomado Forte de São Jorge usado para contra-atacar as tentativas portuguesas de defesa. Estima-se que o saque, repleto de açúcar e pau-brasil, tenha sido de 51 mil libras esterlinas, sendo uma expedição militar e econômica muito bem-sucedida, gerando fortes abalos na economia da região.



Figura 21 – Retrato de Sir James Lancaster. Fonte: Wikimedia Commons

A França por vezes tentou colonizar regiões do Brasil, com destaque para as invasões francesas no Rio de Janeiro e no Maranhão. A França Antártica foi uma expedição visando instalar um núcleo colonial na atual Baía de Guanabara, em uma empreitada que durou cinco anos, de 1555 até 1560, envolvendo alianças com indígenas nativos e posterior expulsão pelas tropas portuguesas.⁴⁹ Cento e cinquenta anos depois, em 1710, o Rio de Janeiro seria alvo de outro ataque graças a Jean-François Duclerc, corsário francês que tentou tomar a cidade, sem sucesso, com seis navios e mil homens em sua frota. Os prisioneiros resultados

Disponível em: <<https://marsemfim.com.br/piratas-que-atormentaram-o-litoral-do-brasil/>>. Acesso em: 26 de set. de 2024.

desse ataque fracassado acabaram auxiliando outros conterrâneos em uma nova tentativa de invasão no ano seguinte pelos homens de René Duguay-Trouin, que, com uma frota mais poderosa de 18 navios e quatro mil homens, superaram as forças portuguesas e invadiram a cidade. O governador do Rio na época, Francisco de Castro Moraes, teve que pagar resgate para a saída dos invasores, ver as cargas do porto saqueadas e, após tal fracasso de segurança, foi degradado para a Índia.

Anteriormente, em 1612, os franceses conseguiram enfim estabelecer uma colônia em território português, porém tal conquista durou apenas três anos. A expedição francesa de Daniel de La Touche estabeleceu o Forte de São Luís, em homenagem ao rei da França Luís XIII, posteriormente se tornado a cidade de São Luís, atual capital do Maranhão. Entretanto, tropas portuguesas e espanholas expulsaram de prontidão a presença francesa do local.

Entende-se que, quando se menciona pirataria clássica, todas as atenções se voltam para o Caribe, com colônias caribenhas sofrendo com a linha tênue que separa piratas e corsários envolto de disputas entre as Coroas por hegemonia política, militar e econômica. Porém, vale destacar que uma das colônias que passou por diversas situações de terror e violência

foi o próprio Brasil, com a atividade pirata tendo ampla participação na formação da colônia portuguesa iniciada em 1530 por Martin Afonso de Sousa.⁵⁰

50

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w4LCCzAxeWo&t=2s>>. Acesso em: 26 de set. de 2024.

A PIRATARIA NO CARIBE



Desde a infância temos contato com uma determinada figura do que seria um pirata, esta sempre derivando do que se conhece como a Era de Ouro da Pirataria, infame período da história marcado por violência, saques e crimes indescritíveis, por vezes representados na cultura pop sem o peso devido, isso quando são explorados. Dessa forma, este capítulo se dedica a apresentar como eram as diferentes características da verdadeira vida pirata no Caribe dos séculos XVII e XVIII, passando entre informações relativas ao Caribe, os navios que navegavam suas águas, seus famosos criminosos, suas leis, hábitos, crenças e eventual declínio da pirataria.

Como surgia um pirata

4.1

O termo “Era de Ouro da Pirataria”, apesar de induzir um certo romantismo para o dito período histórico, se refere a uma época na qual os piratas em atividade existiam em abundância e tinham muito sucesso em suas empreitadas pelos mares caribenhos. Tais águas vivenciaram altas taxas de saques e violência, impactando tanto o imaginário popular que se tornou sinônimo instantâneo no que tange a visualidade dos piratas, sendo o único período temporal lembrado quando se fala em pirataria de forma geral. Além dessas características, determinados criminosos, como Barba-Negra (1680–1718), Anne Bonny (1697–c.1782) e outros, ganharam maior destaque em documentações posteriores, elevando a expectativa sobre como eram os legítimos piratas daquela época, além de como alguém se tornava um deles.

Um aspecto da romancização pirata na cultura pop é a visão de uma vida rebelde, de liberdade e aventuras. A realidade era mais difícil e complexa do que esse aspecto simplista, porém é inegável que esse modo de vida às margens da morte regrado a bebida, xingamentos e companheirismo sob uma própria bandeira tinha seu apelo para muitos aqueles que viviam vidas enclausuradas, possivelmente se voltan-

do para a pirataria. Um exemplo cravado na história está na figura do “Pirata Cavalheiro” Stede Bonnet (1688–1718), um homem de família, financeiramente estável e dono de plantação que largou tudo para se tornar um criminoso dos mares, mesmo não tendo nenhuma experiência ou motivo para se rebelar contra a sociedade, como seus colegas piratas, que sequer o respeitavam.³¹ Mesmo assim, a documentação de sua existência e seus atos corroboram com a noção de atração do cidadão comum à vida pirata, dotada ou não de grandes aventuras.

51

Simon (2023, p.55)



Figura 22 – Ilustração de Stede Bonnet. Fonte: Wikimedia Commons

Os demais motivos, que fizeram os caribenhos se tornarem piratas, pintam um panorama melhor de como era a dura situação da época, tanto social quanto economicamente. No âmbito social, os piratas eram criminosos rechaçados, cujo único companheirismo que possuíam era entre si, já que compartilhavam os mesmos anseios de riqueza. Com a natureza caótica e violenta desse estilo de vida, fazia-se necessário constante mão-de-obra qualificada para manutenção do navio, como carpinteiros e navegadores, tanto para compor a tripulação quanto para substituição de falecidos marinheiros a bordo. Dessa forma, muitos marinheiros foram forçados a virarem piratas, sob ameaça de morte caso se recusassem. Com a assinatura desses homens no Código Pirata, normas de conduta visando bom comportamento, divisão de lucros e afins, tais cativos não eram mais inocentes perante a lei, sendo mortos pelas autoridades sob crime de pirataria caso fossem capturados.⁵²

Quanto ao âmbito econômico, se nos tempos contemporâneos atuais a ascensão de classe social de um indivíduo é complicada, quatro séculos atrás era praticamente impossível, com famílias pobres se mantendo pobres por gerações, assim como famílias ricas. Deste modo, naturalmente a pirataria era vista como uma oportunidade mais rápida, porém perigosa, de ganhar uma boa quantidade de dinheiro e ter

uma aposentadoria segura para o indivíduo e seus familiares em terra firme.⁵³ Para demais marinheiros honestos empregados pela Marinha Real, a pirataria era convidativa dada às condições de trabalho a que eles eram submetidos. Uma publicação londrina de 1701, de autoria desconhecida, expôs as horríveis circunstâncias vividas, mencionando abusos e castigos cruéis de seus superiores, consumo de alimentação podre e escassa e pagamento insuficiente, estabelecendo estas como a causa principal da pirataria.⁵⁴

A última grande razão, dessa vez de cunho político, está na Guerra de Sucessão Espanhola. Esse conflito de larga escala, tanto terrestre quanto marítima, tem seu estopim no falecimento do rei espanhol da Casa de Habsburgo Carlos II, que havia prometido a coroa a Filipe, Duque de Anjou, neto do rei francês Luís XIV, após não deixar nenhum herdeiro. Temendo uma aliança entre as Coroas Espanhola e Francesa, Inglaterra, Holanda, Prússia e Áustria formaram uma aliança para impedir esse movimento, o que gerou um conflito que se alastrou de 1701 até 1714. Essa guerra afetou o cenário de piratas em duas frentes, tanto os tirando da pirataria, quanto os forçando a voltar para essa vida. Com a necessidade de marinheiros experientes, o governo britânico ofereceu perdões reais para aqueles piratas que desejasse servir à aliança como corsários, uma ação que também

55

Ibid., p.28, p.29

coibiu o fluxo de piratas. Com o fim do conflito após o Tratado de Utrecht, o qual subiu Filipe de Anjou ao trono sob promessa que Espanha e França jamais se uniriam, muitos corsários ficaram desempregados, com a pirataria voltando a ser atrativa, dada sua prévia experiência marítima e as rotas comerciais estando movimentadas, em uma espécie de rebelião econômica contra a coroa.⁵⁵



Figura 23 – Battle of Vigo Bay 1702, por Ludolf Bakhuizen. Fonte: Wikimedia Commons

A noção de rebeldia inserida nos motivos relacionados aos abusos da Marinha e o desemprego pós-Guerra de Sucessão Espanhola são, de certa forma, vazios, considerando que, ao fim do conflito, o governo inglês na Jamaica comissionou 14 embarcações com 3000 homens contra a ameaça pirata nos mares. Tal ato

não impediu futuros saques a embarcações da coroa, se expandindo também para comerciantes honestos⁵⁶, além do fato de que muitos piratas aceitaram perdões⁵⁷ das autoridades para largarem a pirataria, voltando à prática logo depois.⁵⁸ Esse estilo de vida mascarava suas verdadeiras motivações de lucro e saques, com uso ou não de força, guiados por um oportunismo antagônico à visão romântica de rebeldes contra a injustiça econômica, política e social explorado por Benerson Little, o qual o historiador afirma que “Para qualquer pirata, rebelião consistia em nada mais do que ir ao mar roubar. Este era o limite da sua rebelião; não havia revolução, e grande parte da rebelião consistia em violência contra todas as raças e classes.” (Little, 2016, p. 142).⁵⁹

56

Little (2016, p.141)

57

O “perdão” foi uma tentativa das autoridades da época em cobrir a pirataria, entregue ao pirata que se entregasse e nomeasse demais membros de sua tripulação. Exemplos de piratas notórios que aceitaram o perdão, porém voltaram a pirataria, incluem Charles Vane e Edward “Barba-Negra” Teach.

58

Simon, 2016, p.39, p.40

59

Tradução nossa para “For any pirate, rebellion consisted of nothing more than going to sea to steal. This was the extent of their rebellion; there was no revolution, and much of the rebellion consisted of violence against all races and classes”.

O perfil de um pirata caribenho

4.2

O pirata médio caribenho dos séculos XVII e XVIII era jovem para os dias de hoje, chegando aos 30 anos. Seus colegas de “profissão” podiam ter de 14 a 50 anos, sendo atualmente considerados adolescentes e pessoas de meia-idade. De qualquer forma, não era uma linha de trabalho que favorecia longas vivências, com a expectativa de vida desses criminosos sendo, em média, de um ou dois anos até serem capturados e/ou mortos.⁶⁰

60

Ibid., p.21

Nesse contexto, no que tange a relação entre gêneros, não era muito diferente das normas do resto da sociedade, com mulheres tendo pouco espaço no ramo, se disfarçando de homens e se valendo da sujeira e suor para esconderem seus traços femininos. Na história, estão cravadas a dupla Anne Bonny (1697–c.1782) e Mary Read (1685–1721), duas piratas que iam contra essa noção, abraçando a feminilidade em prol de seus objetivos. Apesar de usarem roupas masculinas, seu uso visava melhor mobilidade, além de que a decisão de usarem cabelos soltos e camisas abertas chocavam de imediato suas vítimas, abaixando a guarda em momentos cruciais de batalha, onde a ferocidade de ambas era digna de temor, lutando e xingando tanto quanto os demais homens.⁶¹

61

Ibid., p.110



Figura 24 - Ilustração de Anne Bonny e Mary Read. Fonte: Hulton Archive/Getty Images

Seja como for o pirata, uma coisa é certa: sua higiene era deplorável, com dentes amarelados, unhas sujas e forte odor corporal.⁶² Suas necessidades eram feitas de formas inusitadas, com os homens urinando sobre os corrimãos do navio e as mulheres usando uma espécie de funil improvisado feito de chifre ou pedaço de metal posto em suas calças. Para defecar, ambos ou usavam uma caixa, ou um buraco no navio feito de forma que os dejetos caíssem direto no oceano.⁶³ Tais práticas eram propícias para proliferação de doenças das mais variadas, podendo-se citar cólera, malária, febre-amarela, DSTs, entre outras. Soma-se a isso possíveis agravantes que o dia a dia podia resultar, como queimaduras solares, exaustão

62

Ibid., p.87

63

Ibid., p.128

64

Ibid., p.88

e hipotermia, que não eram cuidadas devido à medicação da época ignorar o conhecimento atual de boas práticas, prevenção e cuidados devido a determinadas doenças e cenários. Por exemplo, além do tratamento preventivo não ser realizado, o sangramento terapêutico ainda era praticado, o que enfraquecia ainda mais o paciente.⁶⁴ Ademais, alguns alívios de sintomas, como comer para curar diarreia, fervor ovo em conhaque e queimar ervas por se crer que mau odor causava doenças, não ajudavam em nada. “Esse era um remédio mais exótico, no entanto, e os marinheiros (incluindo piratas) tendiam a usar tratamentos e alimentos mais familiares a eles” (Simon, 2023, p. 97).⁶⁵

65

Tradução nossa para “That was a more exotic remedy, however, and sailors (including pirates) were inclined to use treatments and food more familiar to them”.

66

Ibid., p.128

67

Ibid., p.87

68

Little (2016, p.xxiii)

Nesse simples traje de marinheiro, o pirata guardava suas armas, cuja manutenção era constante e demorada, sendo usado linho banhado em óleo para evitar enferrujamento dada a ação constante do ar marítimo. As armas mais comuns de um pirata eram pistolas, de curto alcance, e espadas de lâmina curta focadas em ataques perfuratórios.⁶⁶ Mosquetes, arma de cano longo e grande calibre, eram usadas em combate a longa distância, apropriadas em ataques a navios, assim como defesa do mesmo.⁶⁷ Já espadas maiores não eram preferidas já que, além de não serem práticas em situações que demandavam rapidez, não havia espaços ideais no navio para treinar com uma lâmina tão grande.⁷¹

69

Simon (2023, p.140)

70

Ibid., p.138

71

ibid., p.144



Figura 25 – Interpretação de roupas de piratas. Fonte: Instagram @crewofthescavenger

O Caribe e seus refúgios seguros

4.3

Da mesma forma que a Era de Ouro da Pirataria é o período histórico mais lembrado quando se pensa em piratas, o Caribe é o local mais associado com a pirataria, com obras de ficção como a franquia *Piratas do Caribe* solidificando ainda mais essa noção. A região pertencente ao continente americano, formada pelo Mar do Caribe e suas ilhas, vivenciou no período citado um intenso fluxo de navios, sejam das Coroas europeias em suas rotas comerciais, sejam de piratas visando saquear tais rotas. Dessa forma, o mar caribenho foi palco de intensas lutas por dinheiro e controle territorial por parte dos monarcas do velho continente.



Figura 26 – Mapa atual do Caribe. Fonte: Wikimedia Commons

Além da proximidade maior com as rotas comerciais espanholas, holandesas, inglesas e francesas, os criminosos da época tinham particular feição por aquelas águas devido à sua geografia, com a grande presença de ilhas, lagunas e enseadas, favorecendo o esconderijo de piratas e seus navios. Fora o desafio de perseguir os fugitivos, lidar com sua presença em terra também era um problema, com os piratas se organizando de tal forma a se estabelecerem fixamente em determinadas locações que se tornaram refúgios seguros coniventes com a pirataria, com quatro deles tendo maior destaque.⁷²

72

Ibid., p.21

A história da pequena ilha de Tortuga com a pirataria, tendo seu nome devido ao seu formato semelhante ao de uma tartaruga, se inicia com a chegada de refugiados franceses expulsos de Hispaniola (atual Ilha de São Domingos), dominada pela Coroa Espanhola. As disputas entre franceses e espanhóis pelo controle da pequena ilha se sucederam por anos, com a elevação de Tortuga à condição de “capital pirata” se dando em 1642 pelo governador francês Jean Le Vasseur. Ao chegar na ilha, Jean construiu uma fortaleza temendo futuros ataques da Coroa Espanhola, ao mesmo tempo que ele recebia de bom grado qual-

Disponível em: <<https://www.piratesinfo.com/pirate-facts-and-pirate-legends/pirate-strongholds-hideouts/piratical-history-of-tortuga/>>. Acesso em: 02 de out. de 2024.

quer bucaneiro que quisesse se instalar em Tortuga, contanto que pagasse uma porção de seus saques ao novo governador. Após uma vitória contra uma nova invasão da Espanha, a reputação de lar de criminosos da pequena ilha estava sacramentada, sendo local ideal para planejar roubos, viagens e demais atividades ilícitas. Porém, eventualmente tais bandidos se espalharam para outros refúgios e, juntamente com o fortalecimento de futuras leis anti-pirataria, a importância de Tortuga como centro pirata diminuiu de forma irreversível, sendo trocada pela ilha de Petit Goâve. Situada no atual Haiti, apesar de atrair diversos bucaneiros após o declínio de Tortuga, seu impacto como centro pirata das ilhas francesas seguiu o mesmo caminho e caiu drasticamente até 1700, com os bucaneiros substituídos por piratas.⁷³



Figura 27 - Ilustração da ilha de Tortuga. Fonte: Wikimedia Commons

Outro local que favorecia pessoas desaprovadas pela sociedade, como prisioneiros políticos, dissidentes religiosos, prostitutas e criminosos em geral, era Port Royal.⁷⁴ Assim como Tortuga, essa cidade costal jamaicana era favorecida pela sua geografia, próxima de rotas comerciais lucrativas entre as Américas Central, do Norte e do Sul, ilhas de plantação e centros movimentados como Cuba, um dos pontos de comércio mais importantes da Espanha. Sob domínio inglês, Port Royal estava em ascensão, com seu porto protegendo os navios de furacões e tempestades, estando militarmente seguros pelas suas fortificações, além da população do local estar crescendo de forma contínua, muito pelos saques valiosos que circulavam pelas ruas. Naturalmente, pelas ações de bucaneiros, corsários e piratas, Port Royal se tornou um porto seguro para qualquer um que vivia às margens da sociedade da época, com o número de produtos roubados, bordéis e tavernas concebendo uma reputação negativa à cidade jamaicana que passou a ser considerada “a cidade mais perver-sa e pecaminosa do mundo”.⁷⁵ Entretanto, forças da natureza minaram permanentemente sua influência poderosa, com um terremoto em 1692 devastando a cidade, com um pedaço da ilha se desmanchando para o mar, gerando mortes, debandada em massa de foras-da-lei e recuperação do controle de Port Royal pelas autoridades inglesas.⁷⁶

Simon (2023, p.22)

Tradução nossa para “the most wicked and sinful city in the world”.

Disponível em: <<https://www.piratesinfo.com/pirate-facts-and-pirate-legends/pirate-strongholds-hideouts/piratical-history-of-port-royal/>>. Acesso em: 02 de out. de 2024.

Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/article/1844/pirate-havens-in-the-golden-age-of-piracy/>>. Acesso em: 02 de out. de 2024.



Figura 28 - Ilustração de Port Royal por volta de 1690. Fonte: Mar Sem Fim

Próxima de Tortuga, Nassau se demonstrava uma opção prática de refúgio pirata. Situada na ilha da Nova Providência, Bahamas, era uma pequena ilha dotada de provisões como carne, frutas, madeira e água potável, além de bons portos. Estando sem defesas e com ausência da Coroa Britânica, o local viu uma orgânica dominância de piratas, considerando que dois anos antes a Guerra de Sucessão Espanhola (1701-1714) havia acabado, deixando muitos corsários desempregados e dispostos a entrar na pirataria, se estabelecendo em Nassau. Lá, piratas notórios se estabeleceram, como Edward Teach (1680-1718), Jack Rackham (1682-1720), Benjamin Hornigold (1680-1719), entre outros, com o local atuando como uma espécie de “República Pirata”.⁷⁷ A presença britânica da ilha foi estabelecida com Woodes Rogers (1679-

1732), apontado como governador das Bahamas pela Coroa que, implacável na luta contra a pirataria, reconstruiu as defesas de Nassau e removeu o domínio pirata da ilha.⁷⁸



Figura 29 – Arte conceitual de Nassau para Assassin's Creed IV: Black Flag (2013), por Maxime Desmettre. Fonte: ArtStation

Disponível em: <https://www.worldhistory.org/Woodes_Rogers/#google_vignette>. Acesso em: 02 de out. de 2024.

Little (2016, p.217, p.218)

80

Ibid., p.233, p.234

livres-pensadores, porém as verdadeiras “Libertálias” de Madagascar eram lugares menos sonhadores, lares de ladrões que apenas queriam beber, transar, reparar seus navios e recarregarem suas energias, vendendo seus saques para mercadores e demais piratas que por ali passavam, se envolvendo ocasionalmente em atos de assassinato, tortura e estupro.⁸⁰

81

Ibid., p.223

O movimento para Madagascar se dá pela crescente atração ao Oceano Índico, tanto pela maior presença de corsários e navios de guerra no Atlântico devido à Guerra dos Nove Anos (1688-1697), quanto pelo endurecimento dos governos à caçada de piratas.⁸¹ Como essas águas eram navegadas por rotas comerciais muçulmanas, contava-se que os ingleses fingiriam que não veriam saques contra tais navios. “Os navios do Mogol não eram navios ‘cristãos’, então os piratas europeus não tinham escrúpulos em atacá-los. Como eles rationalizavam, não havia pecado em roubar de um ‘pagão’” (Little, 2016, p. 224).⁸² Com o cenário ideal, os piratas precisavam de bases, com destaque direcionado para duas delas, a Ilha de Sainte-Marie e a Baía Ranter (atual Baía de Antongil). Ambos locais representavam o que se imagina de uma utopia pirata, sendo paraísos tropicais de alta farra, com bebida e mulheres à vontade, onde criminosos podiam se reabastecer e vender seus saques.⁸³ Diferentemente de Libertalia, esses locais de fato existiram, e pode-se

imaginar que foram inspirações para a imaginação do autor Charles Johnson em seu livro mesclado de relatos históricos e invenções fantásticas.



Figura 30 - Libertalia em *Uncharted 4: A Thief's End* (2016). Fonte: Japanda ! Carnet de Voyage

82

Tradução nossa para “The Mogul’s ships were not ‘Christian’ ships, so European pirates had no qualms about attacking them. As they rationalized it, there was no sin in stealing from a ‘heathen’.”

83

Ibid., p.227, p.228, p.231

Piratas em terra e seus relacionamentos

4.4

84

Simon (2023, p.220, p.221)

A pirataria é uma atividade essencialmente marítima, com a maioria do tempo dos piratas sendo passado sob os oceanos em determinadas embarcações. Apesar de não se pensar muito sobre, tais criminosos também tinham vidas em terra, com famílias e moradias, porém o tempo fora dos mares era curto, realizando tarefas como reparo de suas casas, pequenos bicos por dinheiro para sobreviverem, se preparando para o inverno, entre outras, até que partissem para o mar de novo. Considera-se também que tal tempo curto fora dos navios se dava também pelo constante estado de fuga que sua vida de crimes os forçava a estar.⁸⁴

As opções de lazer para um pirata em um refúgio seguro caribenho se resumiam a bebida e mulheres. Tavernas eram locais populares onde se conseguiam ambas escolhas, cheios de marinheiros que buscavam esquecer seus problemas bebendo socialmente e se exibindo para mulheres com seu dinheiro. Nessa socialização, informações úteis podiam ser compartilhadas, como notícias gerais, novidades políticas e informes sobre navios indo e saindo de determinados portos, úteis para futuros saques. As tavernas também tinham seu valor no recrutamento de novos

marinheiros, com a Marinha Real coagindo homens a se juntarem às tropas do Rei, os forçando em caso de resistência. Apesar dessa prática não ser diferente do que os piratas faziam, os próprios não se utilizavam de tavernas para recrutar novos tripulantes, já que além de coragem e habilidade, lealdade era um traço extremamente valioso em um novo recruta.⁸⁵

ibid., p.32, p.33

85

Bordéis, diferente das tavernas, eram locais especializados em satisfação sexual, com piratas, provavelmente, utilizando tais estabelecimentos para aliviar a tensão sexual que surgia após confinamento extenso nos navios, levando a prováveis relacionamentos homossexuais entre tais marinheiros. Mesmo não muitas havendo evidências sólidas de casos individuais de relacionamentos entre homens, a homossexualidade em si era um tabu muito grande, silenciada tanto na Marinha quanto na pirataria, podendo ser punida com morte. Entretanto, uniões civis eram realizadas entre homens a bordo de navios, estas sendo chamadas de *matelotage*.⁸⁶ A natureza dessa união acende um debate se tais acordos tinham bases amorosas ou apenas logísticas, já que o *matelotage* estipulava que o casal deveria dividir tudo em comum entre eles, incluindo dinheiro, comida e até mesmo

86

Termo que deriva da palavra *matelot*, significando "marinheiro" em tradução nossa.

mulheres, com objetivo de, em caso de morte, um deles herdar as poses do falecido.⁸⁷

Dado esse cenário, os piratas tratavam mulheres no mar do mesmo jeito que em terra: como objetos de satisfação. Mesmo que os Códigos Pirata, por vezes, estipulassem castigos graves para quem trouxesse uma mulher a bordo, ou abusasse dela, o verdadeiro motivo dessa ação era para que elas não fossem protagonistas de disputas e ciúmes entre os demais tripulantes. Quanto a relacionamentos homossexu-

ais entre homens, a história debate a real existência de tais relações em navios piratas, já que não há evidências escritas sobre, com o *matelotage* abrindo questionamentos sobre sua natureza romântica ou interesseira. De qualquer forma, a cultura pop se aproveitou dessa brecha histórica para desenvolver suas próprias histórias com relacionamentos homossexuais, como na série *Nossa Bandeira é a Morte* (2022–2024), representando um romance entre Stede Bonnet e Barba-Negra,⁸⁸ além de contos aos longo da história que estabelecem Anne Bonny e Mary Read, histórica dupla pirata, como um casal lésbico.⁸⁹



Figura 31 - Stede Bonnet (Rhys Darby) e Barba-Negra (Taika Waititi) em *Nossa Bandeira é a Morte* (2022–2024). Fonte: Café História

Os navios piratas e suas bandeiras

4.5

91

Little (2016, p.59)

Uma das imagens mais permanentes sobre um pirata é ser um tripulante ou capitão de um grande navio de vários canhões e ainda mais velas, com a bandeira negra de caveira no topo, destruindo navios de igual grandeza pelos mares. Um desses navios imponentes é o Galeão, tipicamente descrito como espanhol, grande, bem armado, com uma popa elevada e recheado de variadas riquezas.⁹¹ Sua ligação com o imaginário pirata, conforme Benerson Little estima, tem raízes no livro *The Buccaneers of America* (1684), onde o autor Alexandre Exquemelin conta histórias de bucaneiros, em especial sobre um determinado saque de proporções fantásticas a um galeão pertencente a uma rica frota espanhola. Considerando que a tripulação pirata atacante era muito pequena em comparação ao seu alvo e que o roubo foi bem-sucedido, esse conto inspirou demais bucaneiros do Caribe a embarcarem em empreitadas piratas lucrativas.⁹²

A influência das palavras de Exquemelin, reais ou não, também podem ser vistas no trabalho do escritor e ilustrador Howard Pyle, com a pintura *An Attack on a Galleon*, do seu livro *The Fate of a Treasure Town* (1905), gerando impacto permanente na imaginação do público e de artistas sobre o uso de galeões por piratas, sejam os navegando ou os saqueando.⁹³



Figura 32 - An Attack on a Galleon, por Howard Pyle. Fonte: World History Encyclopedia

Para Little, piratas da Era de Ouro provavelmente nunca navegaram ou capturaram legítimos galeões, já que os mesmos já não eram mais construídos após a década de 1640, com os poucos remanescentes sumindo por volta de 1660, (Little, 2016, p.59), quebrando assim a épica fantasia dos piratas tripulantes desses poderosos navios. Na verdade, os

92

Ibid., p.65, p.66, p.67

93

Ibid., p.68

94

Simon (2023, p.132)

95

Tradução nossa para "Man-of-war", como eram chamados tais navios com alto poderio bélico.

96

Little (2016, p.61)

piratas deviam navegar navios resistentes e rápidos, favorecendo ataques e fugas. O ideal seria um de médio porte, sendo um meio-termo entre velocidade e capacidade ofensiva. Um navio pequeno, apesar de maior velocidade, representava um risco contra presas maiores, além de não suportarem grandes tripulações necessárias para tais ataques. Já navios grandes, apesar do maior poder de fogo e estrutura, tinham limitação de portos para recebê-los e locais para escondê-lo.⁹⁴ Dentre brigues, escunas, navios de guerra⁹⁵, entre outros, os *barques longues* e as chalupas eram os navios mais comuns navegados por piratas, dada a velocidade de ambos.⁹⁶



Figura 33 - Hudson River Sloop Phillip R. Paulding, por James E. Buttersworth.
Fonte: Wikimedia Commons



Figura 34 - Painting of the German barque Paula, por Édouard Adam.
Fonte: Wikimedia Commons

Naturalmente, além da velocidade, um navio pirata precisava estar dotado de armas e poderio bélico, estes na forma de canhões. Um deles, chamado de arma giratória⁹⁷, eram menores, carregados similarmente a um mosquete e miravam especificamente membros da tripulação do navio inimigo. Já os canhões maiores eram focados na destruição da embarcação oponente, apesar de serem ameaçadores à quem os operava por estarem sempre em sua linha de fogo.⁹⁸ Sua munição padrão eram balas redondas voltadas para dano do casco e mastros a longa distância, porém eram variadas conforme o que se desejava atingir. Para disparos a curta distância, duas balas eram usadas para danificar leme e cabos. Ainda buscando dano aos cabos, juntamente das velas, podiam-se usar duas balas ligadas a uma barra de ferro, o que era útil contra pessoas

97

Tradução nossa para "Swivel gun".

98

Simon (2023, p.153)

99

Ibid., p.144

100

Ibid., p.137

101

Alguns exemplos dessa natureza também se encontram no jogo *Assassin's Creed IV: Black Flag* (2013).

também.⁹⁹ Para essas armas funcionarem, pólvora era essencial, ainda mais vital que a mesma fosse armazenada com muito cuidado, já que ela poderia causar uma explosão enorme se derramada em meio a uma batalha. Sua qualidade também era crucial que fosse boa, já que uma pólvora ruim poderia fazer os canhões falharem, além de que água a tornava inútil,¹⁰⁰ quebrando o espetáculo visual que a cultura pop fornece ao apresentar gloriosas batalhas navais sob fortes tempestades.¹⁰¹



Figura 35 – Cena de As Aventuras de Tintim (2011). Fonte: The End of Cinema

Um navio pirata, além de munição, armas e saques, carregavam outros itens relativos à sobrevivência da tripulação, assim como a da embarcação. A seguir, segue o inventário de uma chalupa pirata registrado pelo governo da Filadélfia, o que nos dá um panorama específico sobre o que carregava um navio da Era de Ouro da Pirataria. Elementos incluem conjunto de velas; três âncoras, ferramentas de reparo, madeira

e alcatrão; três bússolas e conjunto de remos; treze barris pela metade de carne de boi e de porco, duas panelas de ferro e uma chaleira; caixa com equipamentos médicos; par de bandeiras de cores falsas (para enganar as vítimas), bandeirolas e um pavilhão; uma bandeira negra e uma vermelha.¹⁰²

102

Little (2016, p.64)

103

Simon (2023, p.155)

A bandeira vermelha, cor da raiva, sangue e violência, simbolizava que os piratas tinham intenção de matar, sem qualquer chance de rendição ou misericórdia. Quanto a preta, representava que os tripulantes evitariam morte dentro do possível,¹⁰³ além de que seu uso era um atestado pirata contra a sociedade, os desafiando em uma posição a qual era de isolamento social e político, vistos como inimigos da humanidade. Sendo símbolo da pirataria, a bandeira negra visava diferenciar os piratas de demais navegadores, dessa forma criando um senso de identidade e união a quem a ostentasse, tendo em vista que a bandeira vermelha já havia sido usada por outras nacionalidades anteriormente.¹⁰⁴

104

Little (2016, p.15, p.16)

Vale ressaltar que tais nacionalidades deviam, por lei, usar as bandeiras de seus países para identificação, fato esse aproveitado por piratas, por vezes içando bandeiras de outras nações para enganar suas vítimas e atacá-las.¹⁰⁵ Vale dizer também que, antes do fim da Guerra de Sucessão Espanhola (1701-1714)

105

Simon (2023, p.157)

106

Little (2016, p.13, p.14)

gerar rejeição às terras natais dos piratas, bandeiras de suas nações eram içadas, com ingleses usando a Cruz de São Jorge, franceses içando a “*pavillon blanc*”, espanhóis ostentando a Cruz da Borgonha e holandeses usando a bandeira tricolor dos Países Baixos ou a dos “Estados Gerais”.¹⁰⁶

107

Ibid., p.16

Juntamente da cor preta, outro elemento pregnante são os símbolos que a acompanhava, sendo o mais famoso a caveira com ossos cruzados, simbolizando a morte e sua inevitabilidade, intimidando o oponente no processo.¹⁰⁷ A bandeira com esse símbolo é conhecida popularmente como *Jolly Roger*, nome esse que não é um sinônimo de “bandeiras piratas”, e sim como era chamada por vezes.¹⁰⁸

Outros símbolos, por volta de 1716, passaram a ser usados na clássica bandeira negra, como ampulhetas, pistolas, facas, espadas, um braço, uma figura humana completa segurando uma espada e um coração perfurado por um dardo.¹⁰⁹ Entretanto, dificilmente esses símbolos seriam vistos à distância por outros navios, então o preto seguia como o elemento fundamental da bandeira pirata.¹¹⁰



Figura 36 – Uma bandeira negra, atribuída a Jack Rackham. Fonte: Wikimedia Commons

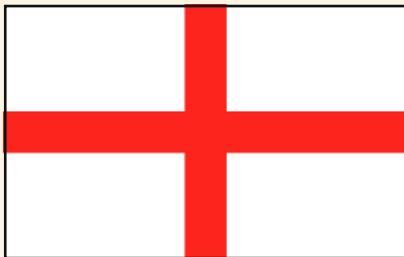


Figura 37 – Bandeira da Cruz de São Jorge. Fonte: Wikipedia

Ibid., p.46



Figura 38 - A Pavillon Blanc. Fonte: Elaboração própria



Figura 40 - Bandeira dos Estados Gerais. Fonte: CRW Flags

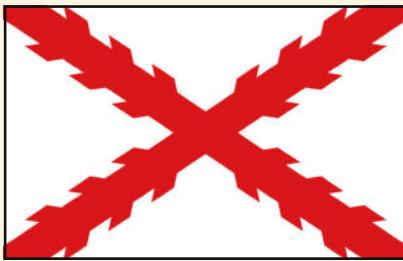


Figura 39 - Bandeira da Cruz de Borgonha. Fonte: Wikimedia Commons

As bandeiras piratas serviam como base para muitos autores e artistas conceberem suas versões de como elas seriam realmente, com as imagens e ilustrações disponíveis das bandeiras de determinados piratas famosos, como Stede Bonnet (1688–1718) e Barba-Negra (1680–1718), sendo invenções sem embasamento histórico, estabelecendo a bandeira negra como mais um elemento romantizado da vida pirata, juntamente com seus supostos galeões.

As tripulações e suas condições

4.6

111

Tradução nossa para "pirate crews were the first true democracies in the New World..."

112

Simon (2023, p.34)

113

Little (2016, p.144)

114

Simon (2023, p.39)

Segundo Benerson Little, "as tripulações piratas eram as primeiras verdadeiras democracias do Novo Mundo" (Little, 2016, p.142),¹¹¹ com membros de diferentes etnias, nacionalidades e religiões. Entre 1715 e 1726, cerca de 30% dos piratas eram negros, sendo escravos fugitivos ou libertos, tratados como igual e recebendo quantias justas junto aos demais tripulantes.¹¹² Suas nacionalidades variavam, com registros de piratas vindos da Inglaterra, Escócia, País de Gales, Irlanda, França, Países Baixos, Espanha, Portugal, Dinamarca, estados germânicos, estados italianos e demais nações europeias, além de asiáticos, nativos americanos e africanos.¹¹³ Apesar da natureza não-religiosa da pirataria, judeus, católicos e islâmicos eram bem-vindos junto dos piratas, considerando que a Europa os excluía. Em resumo, para ser pirata você deveria ser leal e habilidoso, tanto como navegador quanto como lutador.¹¹⁴

Mesmo em um ambiente que fugia do modelo aristocrático em terra firme, em um navio sob a bandeira negra ainda havia uma hierarquia a ser seguida pela tripulação. Acima de todos estava o Conselho Comum, uma reunião entre todos os membros do navio para votarem em decisões cruciais que afetariam todos a

bordo, como destino da próxima viagem, resolução de disputas entre os tripulantes, distribuição de saques e aplicação de punições, onde nem o capitão poderia ir contra a decisão em comum.¹¹⁵ O próprio vinha abaixo do Conselho, sendo responsável por tocar o navio e dar as decisões em batalha¹¹⁶, recebendo entre 5 e 6 euros por mês, com 10% a mais em tempos de guerra.¹¹⁷ Deveria ter sua autoridade firme e ser respeitado por seus comandados, porém, ele poderia ser deposto caso a tripulação julgasse seu trabalho inepto ou abusivo.¹¹⁸

Logo abaixo vinha o quartel-mestre, responsável por liderar a tripulação, manter a ordem, alocar mantimentos, evitar possíveis abusos de autoridade do capitão e atuar como um interlocutor entre ele e os demais homens, o substituindo em caso de morte.¹¹⁹ Recebia entre 3 e 4 euros por mês, ganhando 1/3 a mais em tempos de guerra.¹²⁰ Seguido dele vinha o carpinteiro, responsável pela integridade física do navio e por manutenções necessárias, ganhando o mesmo que o quartel-mestre, com 2 ou 3 euros mais caso tenham treinado um aprendiz. Cirurgiões eram responsáveis pelos cuidados médicos da tripulação, com o mesmo salário do carpinteiro. O contrames-

115

ibid., p.51

116

ibid., p.49

117

ibid., p.56

118

ibid., p.53

119

ibid., p.49, p.50

120

ibid., p.56

121

Ibid., p.58

tre vinha em seguida ganhando 2,60 euros por mês, 3,20 em tempos de guerra, sendo responsável pela supervisão da tripulação. O artilheiro, responsável pela operação e manutenção dos canhões, pólvora e armamentos, ganhava entre 2 e 3 euros por mês. O cozinheiro ganhava 2 euros, fechando com o marinheiro comum que recebia menos ainda, apenas 1,66 euros mensais.¹²¹ As informações salariais acima são relativas ao trabalho oficial na Marinha, porém são úteis para entender o panorama trabalhista dos séculos XVII e XVIII, intrínsecos à vida pirata analisada nesse projeto.



Figura 41 – *Later Period Cook's Mates Preparing Food*, por Thomas Maclean.
Fonte: *The Pirate Surgeon's Journal*

As tarefas da tripulação incluíam içar e abaixar âncora, cuidar das velas, limpar o convés para evitar vazamentos de água, conservar os mastros contra deterioração, aplicando sebo e gerenciar as provisões, como comida e água. Esse trabalho, por vezes duro e cansativo, era realizado em vigias de quatro horas espalhadas durante o dia, com exceção do turno das quatro até as oito da manhã, que era dividido em duas horas, para que o marinheiro não fizesse sempre a mesma escala diária.¹²²

122

Ibid., p.134, p.135

Naturalmente, o âmbito alimentar desses marinheiros não fugiria muito desse cenário complicado, podendo-se dizer com segurança que a alimentação não era boa, nem em abundância ou qualidade. A comida era preparada na cozinha, que deveria ser grande o suficiente para poder cozinhar para muitos homens, e ser o menor possível, restrita apenas o cozinheiro e pessoas autorizadas.¹²³ Esses alimentos podiam ser carnes variadas, como de porco, de vaca, de tartaruga e de peixe, grãos, óleos, biscoitos e manteiga.¹²⁴ Além de água, as bebidas eram majoricamente alcoólicas, incluindo vinho, grogue, ponche, conhaque e rum, fortemente associado com piratas em geral.

123

Ibid., p.175

124

Ibid., p.172

Entretanto, apesar da situação alimentar dos navegadores do Caribe ser pobre, ironicamente, os piratas,

125

Ibid., p. 175, p.176

dado seu modo de vida de roubos e reabastecimento mais constante de provisões em portos, possuíam uma dieta mais saudável que o marinheiro comum.¹²⁵

126

Ibid., p.185, p.186

As bebidas citadas também eram parte do entretenimento da tripulação, úteis para criar um senso de camaradagem e levantar a moral de todos a bordo. Também se demonstraram úteis para os prisioneiros dos piratas, já que eles se aproveitavam do estado altamente bêbado deles para fugirem.¹²⁶ Demais formas de socialização e melhora de humor incluíam jogos como dados, gamão e cartas, os quais também eram usados em apostas valendo dinheiro, repreendidas pelo Código Pirata por gerarem possível desordem.¹²⁷

127

Ibid., p.178

A criatividade também aflorava na forma de canções, cuja melodia simples e direta provia o escapismo necessário na forma de letras humoradas performar por músicos diversos, como harpistas, violinistas e afins. Suas letras cantavam histórias sobre o que era comum para os piratas, como o mar, navios, mulheres, amor e zoação contra as autoridades.¹²⁸

128

Ibid., p.191

Similarmente, a tripulação contava histórias mutualmente sobre grandes batalhas, tempestades e demais cenários que provessem lições sobre como proceder nessas situações, fortalecendo seus laços sociais no processo. Outro elemento que também estava rela-

cionado com narrativas eram tatuagens. Feitas com ou tinta ou pólvora, serviam primeiramente como identificação em caso de captura ou morte ao mar e posteriormente tendo outros significados, como uma âncora simbolizando uma primeira viagem bem sucedida ao mar e corações representando entes queridos.¹²⁹

129

Ibid., p.198



Figura 42 - Captain Keith on the deck of his ship, por Howard Pyle. Fonte: MeisterDrucke

Batalhas navais e seus saques

4.7

Apesar das condições de vida e de trabalho expositas do subcapítulo anterior serem árduas, durante a caça às presas, a tripulação era posta ao seu maior teste, o qual exigia paciência, cuidado e competência. Antes de qualquer ataque, as variáveis de vento, clima, provisões e *timing* deviam ser consideradas, assim como o local, já que o mar aberto permitia que a presa escapasse com mais facilidade e que o navio pirata ficasse mais vulnerável, com a preferência sendo emboscadas perto da costa.¹³⁰

130

Ibid., p.161

Essa caça poderia durar dias, com a escuridão da noite sendo horrível para o perseguidor e ótima para a vítima, já que a visibilidade do navio caía drasticamente no fim do dia, especialmente em noites sem a luz da lua.¹³¹ Quando o navio pirata alcançava sua vítima, a típica representação espetacular de canhões disparando e piratas se balançando em cordas era desnecessária, com tais batalhas épicas sendo escassas e acontecendo de forma esporádica.

131

Little (2016, p.104)

Na verdade, a intimidação era a maior arma de rendição, bastando aproximação e uma mera ameaça de uso de força para que as vítimas se rendessem.¹³² Em caso de não rendição imediata, os piratas tinham

132

Ibid., p.107

duas opções, uma próxima e outra à distância. Na primeira, eles se aproximavam rapidamente, disparando mosquetes enquanto se protegiam no convés, abordando o navio inimigo quando sua tripulação se retirasse para o interior da embarcação. A partir de buracos feitos no casco inimigo, granadas eram arremessadas ali dentro, sufocando a tripulação a se render ou morrer. A última era sobre danificar as estruturas do navio inimigo, como as velas e casco, com tiros de canhão e mosquete, prosseguindo a abordagem quando os tripulantes rivais estivessem mortos ou incapacitados.

Nessas abordagens, ao contrário do que o cinema retrata, os piratas não pulavam de navio em navio se balançando em cordas. Apesar dessa imagem ser mais estética e aventureira, eles pulavam de seus castelos de proa até o convés do navio inimigo, o que seria algo tão empolgante quanto de ser ver em uma obra audiovisual.¹³³ Outro elemento dramatizado são os ataques piratas a fortes, onde seus navios destruíam essas fortalezas com seus canhões. A versão mais acurada e tão interessante quanto seu mito, consiste nos piratas marchando escondidos em terra firme cidade adentro pela noite, assim iniciando o ataque

133

Ibid., p.111, p.112

134

Ibid., p.108, p.109

as muralhas dos fortões e castelos, já que a artilharia dos seus navios eram inferiores tanto em poder de fogo, quanto em quantidade.¹³⁴

135

Moeda espanhola usada no Caribe durante a Era de Ouro.

136

Ibid., p.238

As batalhas navais da pirataria, assim como assaltos a vilas e cidades, tinham como objetivo o saque de bens valiosos, principalmente os dólares espanhóis, as famosas moedas peças de oito, chamadas assim por valerem oito reales¹³⁵. Ademais, demais itens de valor cobiçados incluíam joias, tabaco, cacau, peles, remédios, açúcar, baunilha, madeira, entre outros, além de escravos.¹³⁶ Essa vasta pilhagem não era enterrada em grandes baús com um X marcando seu lugar na areia, com tais compartimentos normalmente sendo pequenos, já que as moedas de pratas eram pesadas. De qualquer forma, baús de nenhum tamanho eram enterrados, tão pouco se havia a necessidade de tal feito, com os lucros dos saques divididos prontamente de forma igual entre os tripulantes,¹³⁷ tal qual era estabelecido nos Códigos Pirata dos seus capitães, conforme explicitado no subcapítulo seguinte.

Esse mito, extremamente marcado no imaginário popular, nasce com Capitão William Kidd (1645–1701), corsário enviado para o Oceano Índico para caçar piratas, cuja incompetência em aproveitar oportunidades de capturar navios fez sua tripulação se rebelar contra ele. Após matar seu artilheiro durante uma

discussão, e sob pressão de seus tripulantes descontentes, Kidd cometeu subsequentes atos de pirataria, mesmo o próprio não se considerando pirata após tais ações. Após sua captura e eventual enforcamento, fortes rumores se espalharam que seu vasto saque havia sido enterrado na Ilha de Gardiner, Nova Iorque, o qual nunca foi encontrado ou sequer há certeza que tais tesouros foram enterrados de fato.¹³⁸

138

Ibid., p.243, p.244, p.245



Figura 43 – *An Action between English Ships and Barbary Corsairs*, por Willem van de Velde. Fonte: Wikimedia Commons

Código Pirata e violência

4.8

Como dito no subcapítulo 4.6, os piratas possuíam sua própria democracia, onde os integrantes tinham voz em um ambiente diverso, por mais intencional ou não que tal diversidade tenha sido. Ter voz se refere ao conceito dos piratas poderem votar nas futuras tomadas de decisão da tripulação, direito esse garantido pelo Código Pirata. Apesar de *Piratas do Caribe: A Maldição do Pérola Negra* (2003) estabelecer que o Código “é mais o que você chamaria de ‘diretrizes’ do que regras de fato”,¹³⁹ o verdadeiro documento não foge muito desse conceito, sendo condutas visando boa vivência no navio, englobando normas econômicas, sociais e punitivas.

Variando detalhes e teor de rigorosidade conforme o capitão que o escreveu, o Código estipulava divisão dos ganhos entre cada membro da tripulação, da forma mais justa possível, de acordo com sua posição na tripulação. Regulação de atividades de bebedeira e apostas também eram instauradas, por serem elementos altamente causadores de desordem durante os turnos dos tripulantes.¹⁴⁰ Considerando esse fator, punições eram estabelecidas a fim de manter todos a bordo na linha, decididas por voto de maioria caso alguém cometesse graves infrações

como roubar uma parte dos ganhos de outro membro, entrar em uma rixa com ele, não dedurar tal membro caso ele planeje fugir, se recusar a assinar o Código, entre outras.

Exemplos de castigos incluem chicotadas, ser ilhado, ameaçado de desmembramento e duelos entre tripulantes que estejam em rusgas entre si.¹⁴¹ O falecimento do castigado era evitado, sendo reservado para piratas que traziam mulheres a bordo e/ou abusavam sexualmente delas,¹⁴² além de aplicada em capitães que abusavam de sua autoridade e tripulantes desertores.¹⁴³ Apesar disso, morte era praticamente certa para aqueles que sofriam a passagem pela quilha, sendo um terrível método onde a pessoa era amarrada por uma corda, lançada ao mar e arrastada pelo navio. Mesmo não sendo comum, a vítima morria ou pela queda, pelos ferimentos, ou afogada.

Embora a violência acima seja real, existe um tipo de punição que recebeu uma aura fantástica em sua existência, sendo ela o andar na prancha, onde a pessoa era vendada e forçada a andar até a extremidade de uma prancha até cair no mar. Sendo amplamente popularizada e menos gráfica, essa violência

139

Tradução nossa para “The code is more what you’d call ‘guidelines’ than actual rules”.

140

Ibid., p.107

141

Ibid., p.70 até p.79

142

Apesar dos Códigos de certos capitães estipularem morte à aqueles que cometem tal agressão, essa regra não visava proteger as mulheres, e sim evitar que elas fossem o motivo de brigas entre os homens. (Little, 2016, p.81)

143

Simon (2023, p.77)

144

Ibid., p.73, p.74

era muito rara ou pouco documentada, sem evidências sólidas que alguém já foi submetido a isso por piratas.¹⁴⁴ Ademais, Benerson afirma que tal prática era inútil em um contexto de tortura e punição, considerando que “A violência e outras formas de残酷 eram frequentemente o recurso de homens em busca de riqueza na base da força, e eles tinham outros meios além dos descritos. Andar pela prancha era simplesmente desnecessário” (Little, 2016, p.78).¹⁴⁵

145

Tradução nossa para “Violence and other forms of cruelty were often the resort of men in search of wealth by force of arms and they had other means than those just described. Walking the plank was simply unnecessary”.



Figura 44 - Walking the Plank, por Howard Pyle. Fonte: Wikimedia Commons

Apesar da conotação fantasiosa que andar na prancha ganhou no imaginário popular em obras como *Ilha do Tesouro* (1883), tortura era uma prática comum no mundo ao final do século XVII, usada principalmente para obtenção de informações secretas, criminais ou confissões religiosas. Mesmo nem todos os piratas sendo indivíduos sádicos e brutais, entende-se que a prioridade desse grupo de pessoas era satisfazer suas necessidades, sejam gananciosas ou providas de luxúria, então, considerando a ordem do mundo no período, é seguro afirmar que os piratas eram protagonistas de muitas formas de violência a seguir descritas.¹⁴⁶

146

Little (2016, p.81)

Uma delas, que costuma ser limitada em ser exposta, é o estupro cometido contra mulheres. Em seus rompantes de adrenalina e depravação, esse crime ocorria durante saques a vilas e cidades costeiras, onde o Código tinha tanto valor quanto qualquer coisa. Mesmo com a historiadora Rebecca Simon estipular a probabilidade de estupros em navios como muito baixa, muito devido à supervisão no cumprimento do Código Pirata,¹⁴⁷ vale citar os atos nefastos da tripulação de Henry Every (1659–desconhecido), um dos piratas mais conhecidos da Era de Ouro, que estupraram as mulheres a bordo do Ganj-i-Sawai durante vários dias, com diversas vítimas preferindo o suicídio do que serem sujeitas a tamanha agressão.¹⁴⁸

147

Simon (2023, p.124)

148

Ibid., p.117

Outras formas de violência variam na execução, porém todas seguem um padrão de crueldade, sendo usadas até em alvos que não tinham nada a oferecer aos piratas. Tais métodos incluem amarrar as mãos de uma pessoa pelas costas e içá-la pelos punhos ou pelos testículos, sufocá-la com fumaça enquanto ela está de cabeça para baixo, crucificá-la, amarrá-la em uma superfície com seus braços e pernas esticadas, entre outras cujo fim real segue o mesmo: satisfação sádica ao sofrimento da vítima.¹⁴⁹

sem remorso.¹⁵⁰ Ademais, a lavagem da verdadeira natureza violenta que piratas dos séculos XVII e XVIII descharacterizam esses seres históricos e os elevam a um patamar palatável que permitem que eles sejam exaltados em diversas produções da cultura.

Quando a personagem Elizabeth Swann embarca de penetra em um pequeno navio de marinheiros, eles acham seu vestido e discutem a possibilidade de uma presença feminina a bordo, com todos correndo para procurá-la quando percebem que ela deve estar nua.

Tais informações jogam uma luz direcionada a um aspecto da vida pirata sempre representado na cultura pop, porém sem o devido peso. Em livros, filmes e jogos, vemos piratas em intensas lutas de espadas e ocasionais atos mais agressivos, considerando a classificação indicativa da obra e em qual lado os piratas estão. Em obras como *Peter Pan* (2003), onde eles são vilões, seus atos vilanescos são banhados de leveza e bom humor, sendo uma obra baseada em um conto infantil. Já em *Piratas do Caribe: O Baú da Morte* (2006), que segue o padrão infantojuvenil, vemos os piratas como os “heróis”, sendo uma posição a qual não pode acontecer dos personagens que devemos apoiar cometerem atos abomináveis, como se engajarem em tráfico de escravos ou estupros. Quando o último é citado, é inferido em outro grupo de personagens alheio aos protagonistas, os quais podemos odiar

A lenda de notórios piratas

4.9

Diversos piratas fictícios capturaram a imaginação popular ao longo da história, como Long John Silver, Capitão Gancho, Jack Sparrow, entre outros. Porém, reais figuras piratas também realizaram esse papel, com suas histórias tendo recebido grande perfumaria e exagero para colocá-los em um patamar de grandiosidade o qual eles não chegaram, tão pouco mereciam estar.



Figura 45 – Blackbeard the Pirate, por Joseph Nicholls. Fonte: Wikimedia Commons

O primeiro exemplo está na forma de um dos piratas mais conhecidos da Era de Ouro, além de ser considerado o mais feroz: Edward “Barba-Negra” Teach (1680–1718), capitão inglês do Vingança da Rainha Ana.¹⁵¹ Teach sofreu o que seus demais colegas da Era de Ouro sofreram: amplo aumento de seus atos devido ao pouquíssimo volume de informações sobre eles, por vezes concebidos por Charles Johnson em *A General History of the Robberies and Murders of the most notorious Pyrates* (1724).

Edward Teach era um homem alto e magro, com uma grande barba negra, longa e ampla, provavelmente torcida ou trançada em “caudas” e amarrada com fitas. Além da sua característica barba que o caracterizava, ele também usava pavios de fogo acessos sob seu chapéu para compor sua teatralidade infernal e dar medo às suas vítimas, o que é corroborado pelo historiador Angus Konstam,¹⁵² porém ratificado por Benerson Little, afirmando que os pavios eram feitos para queimar em altíssimas temperaturas, então um artifício desse como vestimenta seria um risco muito grande ao cabelo e barba do usuário, além de que “nenhum relato de qualquer homem que realmente viu esse pirata os mencionam”.¹⁵³

151

Tradução nossa para “Queen Anne’s Revenge”.

152

Konstam (2009, p.146)

153

Little (2016, p.35)

154

Ibid., p.37

Um dos seus atos de pirataria mais notórios é o bloqueio de Charlestown, atual Charleston, na Carolina do Sul, Estados Unidos, em 1718. Na ocasião, Teach e sua tripulação bloquearam por uma semana o porto do local, capturando prisioneiros e ameaçando matá-los, além de queimar todos os navios capturados da cidade, caso sua demanda não fosse atendida, no caso a entrega de remédios.¹⁵⁴



Figura 46 – Captain Bartho. Roberts with two Ships, Viz the Royal Fortune and Ranger, takes in Sail in Whydah Road on the Coast of Guinea, January 11th. 1721/2, por Benjamin Cole. Fonte: Wikimedia Commons

155

Ibid., p.41

Além desse saque sem grandes ferocidades, apesar de sua escala, Barba-Negra nunca capturou grandes navios ou pilhou cidades,¹⁵⁵ com Rebecca Simon indicando que ele não era tão violento, se mantendo em uma regra de não matar, exceto em sua última batalha que resultou em sua morte.¹⁵⁶ Para a classificação de pirata mais feroz dos mares, sobra apenas sua aparência distinta que, supostamente, aterrorizava suas vítimas a ponto de rendição rápida, porém sua barba “em chamas” seria dificilmente vista à distância por suas presas, com seu navio e a bandeira negra já sendo o suficiente para mercantes se entregarem.¹⁵⁷ A teatralidade era seu maior trunfo, por mais que ela fosse mais real em contos sobre sua figura que eram espalhados de marinheiro em marinheiro.

156

Simon (2023, p.84)

157

Little (2016, p.45)

A história reservou a alcunha de “maior pirata de todos” para Bartholomew Roberts (1682-1722), capitão inglês do Fortuna Real.¹⁵⁸ Esse título incumbido a Roberts se baseia na sua ferocidade como lutador, seu senso de justiça contra capitães abusivos e, principalmente, seu absurdo número de cerca de 500 embarcações capturadas ao longo dos três anos de carreira pirata até sua eventual morte. Entretanto, assim como Barba-Negra, seus atos não foram tão gloriosos quanto sua lenda.

Além de não ser grande lutador, tendo sido espancado por um membro de sua tripulação após matar seu colega devido uma discussão,¹⁵⁹ Roberts era fortemente impiedoso, mesmo sem necessidade, com

158

Tradução nossa para “Royal Fortune”

159

Ibid., p.95

suas vítimas, normalmente pescadores e mercantes. Sua tripulação mantinha o nível de violência com seus prisioneiros, com casos de estupro de mulheres capturadas, por motivos triviais se considerar a gravidade dos atos cometidos aos cativos. Um de seus atos mais nefastos é a captura de doze navios negreiros em Uidá, na costa oeste do continente africano, em 1722. Na ocasião, Roberts exigiu resgate para liberação de todos os navios, exceto um, o qual ele queimou com todos os escravos dentro para passar uma mensagem ao capitão da frota capturada.

Os fatos acima põem em cheque a noção que Bartholomew Roberts era uma espécie de justiceiro com um código de conduta, direcionando sua violência a capitães abusivos que mereciam. Na realidade, suas ações contra meros mercantes, prisioneiros e demais vítimas enfraquecem esse mito, que se expandiu até para a ideia que Roberts era contra o comércio escravo, o que, considerando seu ato de pirataria em Uidá, não poderia ser mais inverídico.¹⁶⁰

Seu número de embarcações capturadas também merece ser revisto a partir da tomada da Baía de Trespassay, na província de Terra Nova e Labrador. Lá, segundo Charles Johnson em *A General History of the Robberies and Murders of the most notorious Pyrates* (1724), Roberts incendiou as pequenas embarcações do

porto, depois saqueou armazéns em terra. De acordo com um jornal da época, Roberts apenas se nomeou mestre do porto e ameaçou queimar os navios, com o próprio nem tido pisado em Trespassay.

De qualquer forma, o bloqueio da baía existiu e nele cerca de 250 pequenas embarcações pesqueiras foram capturadas, o que inflou o número total de 500 capturas da carreira de Bartholomew. Apesar de 250 ainda ser um grande número, esse é um chute mais seguro do número real de embarcações tomadas por Roberts. Soma-se a isso o fato da grande maioria dos piratas da Era de Ouro não atacarem poderosos navios ou saquearem cidades de significância, Roberts incluso nesse grupo, além de que houve outros piratas na história cuja destruição ultrapassa a sua. Assim, o “maior pirata de todos”, juntamente do “mais feroz”, vive apenas no imaginário popular.¹⁶¹



Figura 47 – Henry Every no roubo do navio Ganj-i-Sawai. Fonte: Wikimedia Commons

Disponível em: <https://www.worldhistory.org/Henry_Every/>. Acesso em: 15 de out. de 2024.

A última grande alcunha a ser apresentada é o título de “arqui-pirata”, ou em outros casos, “rei dos piratas”. Sua suposta majestosidade é o inglês Henry Every (1659–desconhecido), cuja história na pirataria é breve, nefasta, lucrativa e misteriosa. Seu início e seu fim são desconhecidos, porém, sabe-se que em 1690, Henry já havia se juntado a Marinha Real, com quatro anos depois servindo como corsário no navio Charles II, parte de uma expedição da Coroa Espanhola para atacar bucaneiros no Caribe.

1694 é o seu ponto de virada, aproveitando-se da insatisfação da tripulação contra seu capitão, além de seus salários atrasados, para instigar 100 tripulantes em um motim. Bem-sucedido, Every foi votado como o novo capitão, renomeou o Charles II para *Fancy* e rumou até Madagascar, dando início à sua vida pirata. Fora capturas de embarcações aqui e ali, seu maior ato de pirataria foi o saque do *Ganj-i-Sawai*, navio extremamente rico do Império Mogol, governado por Aurangzeb (1618–1707).

Avaliado atualmente em dezenas de milhões de dólares,¹⁶² seu saque vive sob uma aura de mistério, assim como seu pirata, que sumiu da história após essa empreitada, apesar de sua tripulação ter sido eventualmente capturada. O roubo ileso do *Ganj-i-Sawai* e a subsequente caçada das autoridades inglesas a

Henry Every e sua tripulação para evitar perder as rotas comerciais com o Império Mogol içaram o pirata ao patamar de rei da pirataria, porém suas ações no navio são dignas de quebrar qualquer misticismo em sua volta, com seus homens cometendo estupros contra todas as mulheres a bordo por diversos dias, resultando suicídios de muitas delas para que não fossem submetidas a tal crime.¹⁶³

163

Simon (2023, p.116, p.117)

164

ibid., p.9

165

ibid., p.29, 30

Crenças e superstições

4.10

Existem muitos mitos os quais acreditamos em relação aos piratas da Era de Ouro da Pirataria, como baús enterrados carregados de ouro, o temido andar na prancha, entre outros. Porém, os próprios piratas também tinham suas crenças com relação à vida, o mundo e ao mar. Com relação à religião, a ótica sobre as questões divinas era de apatia, muito devido ao estilo de vida que os piratas levavam, assim como o modo como eram exxergados pelos religiosos. “A conduta pessoal relacionava-se fundamentalmente com o lar, a sociedade e a nação; a pirataria era um crime contra os três” (Simon, 2023, p. 205).¹⁶⁶

166

Tradução nossa para “Personal conduct had a fundamental relationship to home, society and the nation; piracy was a crime against all three”.

Além de serem vistos como preguiçosos devido ao ócio que comumente surgia durante as navegações, o típico linguajar chulo também era visto com péssimos olhos religiosos, com até mesmo um palavrão comum como *damn* (maldito, maldição, droga ou caramba, dependo do contexto) gerando choque, já que apenas Deus podia condenar alguém (*damn someone*).¹⁶⁷ Não era incomum os piratas lembrarem Dele durante seus últimos momentos na força, pedindo perdão pelos seus atos em vida, além de poderem se arrepender formalmente com o capelão espiritual da prisão.¹⁶⁸ Quanto ao nascimento de Jesus, o Natal

167

Ibid., p.209

168

Simon (2023, p.210) afirma que o capelão publicava os relatos que ouvia dos piratas, em uma tentativa de ensinar seus leitores os comportamentos imorais da pirataria e as consequências que isso trazia.

ainda mantinha suas raízes familiares, mesmo longe delas. Como a tripulação era o mais próximo de uma relação familiar, os tripulantes passavam o feriado bebendo e se divertindo entre si, aproveitando o feriado de forma mais social e menos religiosa.¹⁶⁹

169

Ibid., p.216, 217

As demais crenças que os piratas tinham consigo giravam em torno de um elemento inerente ao ser humano: a morte. Marinheiros em geral tinham muito medo de falecer no mar, com seu fantasma assombrando supostamente o resto da tripulação, caso seu corpo não fosse jogado em direção contrária ao navio.¹⁷⁰ O mito das sereias conversa com essa noção, mas também com o modo como as mulheres eram percebidas naquela época, leia-se século XVII e XVIII. Dada a visão machista que perdurava, as mulheres eram vistas como sinônimos de azar nos navios devido a contos antigos que mencionavam belas mulheres do mar que saiam do mar para seduzirem marinheiros e assim arrastá-los para as profundezas. Tal história casava com a ambivalência masculina em relação às mulheres da época, as quais tinham pouco poder, voz e autonomia de si próprias, que assim como as sereias, deviam ser evitadas para segurança dos homens.¹⁷¹

170

Ibid., p.99

171

Simon (2003, p.125) estipula que o mito das sereias é a causa da crença de que mulheres a bordo de navios dão azar, considerando suas origens e inspirações desconhecidas.

Como o mar era e ainda segue sendo grande fonte de curiosidade acerca dos seus mistérios profundos, além das sereias, imaginava-se que tipos de criaturas nadavam pelas profundezas, elas sendo gigantes e mortais a navios e meros marinheiros. Em 1539, o cartógrafo sueco Olaus Magnus ilustrou a *Carta Marina*, um belo mapa da Escandinávia, o qual ele desenhou inúmeras criaturas nas águas, uma delas sendo uma grande Serpente do Mar e a outra o Kraken, um polvo gigante que naufragava navios com seus tentáculos, sendo este um personagem recorrente do folclore marítimo, pirata incluso. Sua pregnância no imaginário cultural foi mantida com a franquia cinematográfica *Piratas do Caribe*, onde o Kraken é uma lendária criatura controlada por Davy Jones, enviada para atacar quem seu mestre quisesse, como o protagonista Jack Sparrow.



Figura 48 - Kraken, an unconfirmed cephalopod, por W. H. Lizars. Fonte: Wikiwand



Figura 49 - Davy Jones sitting on his locker, por John Tenniel. Fonte: Wikimedia Commons

Na série de filmes, Jones é o capitão amaldiçoado do Holandês Voador, condenado a portar uma aparência monstruosa que mistura diversos elementos aquáticos, como braços de crustáceos e rosto de polvo, desenvolvida após o marinheiro abandonar seu dever de guiar as almas dos falecidos para o pós-vida. Após uma decepção amorosa, Davy Jones arrancou seu próprio coração e o guardou no “Baú da Morte”, cuja chave ele mantém consigo o tempo todo. As adaptações do personagem feitas para o cinema são levemente baseadas na antiga lenda marítima do Baú do Davy Jones, que era especulado que fosse ou o próprio diabo disfarçado de espírito do mar, ou um cemitério de marinheiros falecidos em águas abertas.¹⁷² Quanto

ao navio acima mencionado, ele também é um clássico da literatura naval, sendo o Holandês Voador um navio fantasma condenado a navegar para sempre com sua tripulação.¹⁷³

173

Ibid., p.202

Com a sociedade do século XVII e XVIII tendo inseparável presença da religião e crenças adjacentes, mesmo vivendo à sua margem, os piratas também possuíam particularidades próprias em que acreditavam, sobretudo derivadas de um profundo medo da morte e do mar, com lendas sobre monstros marinheiros e o pós-vida refletindo tal receio. Essa noção, de forma tão interessante quanto, também era vista em terra firme, com o mito do navio fantasma nascendo “... do medo que autoridades coloniais e colonialistas tinham sobre piratas. Ninguém podia prever onde eles atacariam em seguida e quão catastrófico seria o próximo ataque.” (Simon, 2023, p. 233).¹⁷⁴

174

Tradução nossa para “The notion of a ghost ship was born out of fear that colonial authorities and colonialists had about pirates. No one could predict where they would strike next and how calamitous their next assault would be.”



Figura 50 - Navios fantasma no jogo Sea of Thieves (2018). Fonte: The Sea of Thieves Wiki - Fandom

O declínio da vida pirata

4.11

175

Ibid., p.222

O ápice da vida pirata no Caribe, por mais pregnante que tenha sido, estava destinado a acabar quando as autoridades, no início do século XVIII, lançaram uma campanha focada em acabar com a pirataria no Atlântico. Essa força dedicada era baseada no cumprimento rígido de leis, demonstração de poder Real e cooperação colonial.¹⁷⁵

176

Tradução nossa para "The Offenses of the Sea Act".

177

Tradução nossa para "By 1677, the Admiralty Court had the power to execute pirates simply for being pirates".

178

Tradução nossa para "Act for the Effectual Suppression of Piracy".

179

Ibid., p.226

180

Ibid., p.230



Figura 51 - A Pirate hanged at Execution Dock. Fonte: Royal Museums Greenwich

Séculos antes da Era de Ouro, o combate a pirataria já estava em vigor na forma da Lei de Ofensas Marítimas,¹⁷⁶ sancionada em 1536 pelo rei inglês Henrique VIII, estabelecendo que piratas deveriam ser julgados apenas diante do Tribunal Marítimo, fora das leis civis. Em retrospecto, "Até 1677, o Tribunal Marítimo tinha o poder de executar piratas simplesmente por serem piratas" (Simon, 2023, p.226).¹⁷⁷

Outras abordagens surgiram com o mesmo fim de ataque frontal aos piratas, como a Lei para a Supressão Mais Eficaz da Pirataria¹⁷⁸ em 1698, oferecendo perdões ao pirata que se entregasse,¹⁷⁹ com a revisão da mesma em 1701, incluindo piratas que entregassem membros de sua tripulação, sob ou não punição de envio para trabalho em colônias e serviço naval obrigatório.¹⁸⁰

Os criminosos capturados eram enviados até Londres, sede do Tribunal Marítimo, para serem enforcados na Doca de Execução,¹⁸¹ em um ato de espetáculo sádico para as massas que também servia de tortura final para o pirata, já que pela corda ser curta, seu pescoço não quebrava, o estrangulando por cerca de uma hora até falecesse, sendo uma demonstração de poder da Coroa sob a pirataria.¹⁸² Com o custo eleva-

181

Tradução nossa para "Execution Dock", situada nas margens do Rio Tâmisa, Londres.

182

Ibid., p.224

183

Ibid., p.226, p.227

do e a periculosidade do transporte do prisioneiro até a Inglaterra, foram estabelecidas demais Tribunais Marítimos nas suas colônias caribenhas, onde as leis tinham que ser aplicadas de acordo segundo as leis reais, desagradando à administração desses territórios não apenas pela falta de autonomia, mas também porque tais governos mantinham relações comerciais com piratas.¹⁸³

184

Ibid., p.230

Apesar das reclamações e do envolvimento na pirataria de determinadas colônias, elas seguiam o cumprimento das leis e na firme condenação de piratas, mantendo os enforcamentos¹⁸⁴ até que eventualmente, como estima Rebecca Simon, “Atos de pirataria organizada terminaram no final da década de 1720. Durante o restante do século XVIII, a maioria dos incidentes de pirataria envolvia indivíduos em vez de frotas” (Simon, 2023, p.233).¹⁸⁵ Vale ressaltar que esse

não representou o fim da pirataria como atividade, com presença marcante de piratas africanos e asiáticos nos tempos contemporâneos. Entretanto, a figura de tais criminosos não possuem tamanha pregnância na cultura pop que englobem crianças, adolescentes e adultos em seus universos de crime, violência e roubos, por mais que o princípio seja o mesmo.

Ao percebermos que todo o imaginário mitológico e visual emanam do período conhecido como Era de

Ouro da Pirataria nos mares caribenhos, ainda que tal período tenha durado pouco, mostra a sua força midiática que se mostra avassaladora desde os relatos de Charles Johnson em *A General History of the Robberies and Murders of the most notorious Pyrates*, até os filmes de *Piratas do Caribe* da Disney.

185

Tradução nossa para “Acts of organized piracy ended in the late 1720s. For the rest of the eighteenth century, most incidents of piracy were individuals rather than fleets”.

A METODOLOGIA DO PROJETO



Este capítulo apresentará a estrutura base que norteou o projeto, explicando escolhas fundamentais com relação às escolhas das referências do projeto, como seu nome foi escolhido, qual seria seu recorte de conteúdo e em qual tipo de tom ele seria apresentado, além de uma exposição sobre a união de imagens e textos e seu potencial gráfico, elemento crucial que diferenciará o livro desenvolvido.

Potencial da ilustração na informação

5.1

Esse projeto visa transpor um volume grande e variado de informações em um livro de pequeno porte, condensando informações textuais de modo semelhante a um guia histórico compacto. Para o acesso ao conhecimento pelo leitor, desde o início foi pensado que o livro seria predominantemente ilustrado, tanto de forma decorativa quanto funcional, trazendo leveza e atratividade para quem fosse realizar sua leitura. Considerando pensamentos preliminares e rascunhos posteriores, a diagramação do livro teria inspiração na linguagem infográfica, ideal para um agrupamento sucinto de informações aliado a ícones, formas, imagens e desenhos. Mas, por que necessariamente desenhos?

Além da ilustração sempre ter sido uma das minhas maiores habilidades, ela é uma ferramenta muito poderosa no que tange a objetividade, podendo sintetizar conceitos e esclarecer ideias, muitas vezes, por meio de uma imagem, sobretudo em algumas informações mais difíceis de ser explicadas com palavras. Além disso, a ilustração, quando aliada a palavras, fortalece ainda mais o elo entre o leitor e o livro, garantindo maior absorção do conteúdo, disposto para contar uma espécie de narrativa em prol de

seu efetivo entendimento. Em termos práticos, um infográfico possui uma gama de informações em “blocos” diagramados por assuntos que se conectam, por imagens que complementam tais conexões, com a presença de elementos formais de tipografia e cores, situando toda essa construção narrativa no tema proposto.

Apesar dessas características, o infográfico também requer cuidado no seu uso, com as informações arriscando estarem condensadas excessivamente, abrindo brecha para conteúdos que induzem ao erro do leitor, de forma acidental ou proposital. O jornal *USA Today* utilizou, e segue utilizando infografia na disposição de uma série de matérias, sendo alvo de eventuais críticas “por simplificar excessivamente as notícias e por criar infográficos que alguns consideram dar mais ênfase ao entretenimento do que ao conteúdo e aos dados” (Kumar, 2018).¹⁸⁶

Para a concepção do livro *Vida de Pirata: Um Guia Ilustrado*, o volume de informações históricas foi disposto de modo mais condensado quando pôde ser aliado representativamente por ilustrações, por seu caráter expressivo, não restringindo a disposição

186

Tradução nossa para “However, the paper has received criticism for oversimplifying news stories and for creating infographics that some find emphasize entertainment over content and data”.

de informações importantes sobre o assunto então apresentado. Esta última questão é algo descartado, com a união de imagem e texto sendo um elemento obrigatoriamente trabalhado em conjunto, existindo de modo simultâneo e não hierárquico.

Assim sendo, o estilo de infografia foi usado de inspiração para o livro por motivos estéticos e funcionais, tanto por ser mais atraente, quanto por conseguir apresentar grandes conteúdos informacionais de modo dinâmico, tendo em vista que “Infográficos, em geral, são mais estimulantes para as capacidades mentais e intelectuais, pois apelam para todas as áreas literais e visuais do cérebro” (Soliman, 2019).

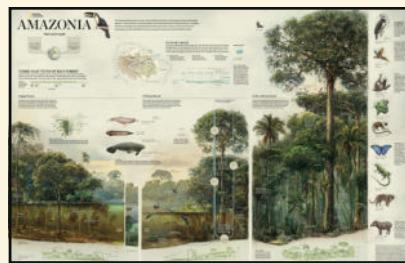


Figura 52 - Infografia sobre a Amazônia. Fonte: National Geographic



Figura 53 - Infografia sobre a Copa do Mundo de 2014. Fonte: Engineering & Technology magazine - WordPress.com

A relação entre imagem e texto no discurso

5.2

Ao considerar a participação dos piratas na cultura pop, notam-se determinados padrões visuais e comportamentais em muitas obras ao longo da história. Alguns deles incluem capitães de vestimentas elegantes, belos chapéus, navios grandes e poderosos e os ocasionais gancho, perna-de-pau e papagaio no ombro. O comportamento desses piratas é exagerado e cômico, estabelecendo moralidade dúbia de caráter, porém com atos de violência e vilania reduzidos para que a relação de empatia entre espectador e personagem não se quebre totalmente. Esses padrões podem ser analisados pela teoria da semiologia de Roland Barthes (1990), cujos elementos trabalham em conjunto para conceberem o estereótipo pirata que se perpetua até hoje no cinema, literatura e afins.

Para o semiólogo francês, a imagem possui três mensagens. A primeira, linguística, diz respeito aos códigos de escrita que, dependendo do seu uso, podem enviesar ou complementar a imagem que a ele é associada. Considerando obras como *Peter Pan* (2003), *Sea of Thieves* (2018), *Assassin's Creed IV: Black Flag* (2013), a franquia *Piratas do Caribe*, *A Ilha da Garganta Cortada* (1995), *A Ilha do Tesouro* (1950), entre outras, seus logotipos, além de reforçarem o tema

por meio da palavra escrita (significado linguístico), tendem a usar tipografias serifadas e decorativas, ostentando curvas e/ou ornamentos, podendo utilizar texturas que remetem desgaste pelo tempo, também apresentando signos piratas complementares, como uma caveira. Tipografias manuscritas e caligráficas também corroboram com a estética proposta, com sua irregularidade dando a ideia de escrita à tinta, com objetivo de se relacionarem a documentos抗igos. Os elementos acima, isolados ou em conjunto, criam a primeira camada significativa de associação com a temática pirata, caracterizada a partir de uma concepção antiga e rústica.¹⁸⁷

187

Barthes (1990, p.33)

As outras duas mensagens dizem respeito às próprias imagens, porém em vertentes diferentes quanto aos seus significados. Uma imagem é sempre denotativa e conotativa, dependendo do contexto cultural do observador para ser compreendida em sua parcialidade ou totalidade.¹⁸⁸ A partir da denotação, usando de exemplo os elementos clássicos da temática pirata, como chapéus, tapa-olhos, mapas de tesouro, bandeiras negras, canhões, navios, caveiras, entre tantos outros, todos eles representam e descrevem a si próprios.

188

Ibid., p.38

189

Principal antagonista da franquia Peter Pan.

190

Antagonista do filme Piratas do Caribe: A Maldição do Pérola Negra (2003)

191

Personagem do jogo League of Legends (2009)

Entretanto, seus simbolismos são voltados para engrandecer o ideal da vida de um pirata, destacando-a como uma vivência estilosa e aventureira. Não eram comuns o uso de vistosos chapéus, porém eles são vistos com frequência na cultura pop em exemplos como Capitão Gancho,¹⁸⁹ Capitão Barbossa,¹⁹⁰ Capitã Miss Fortune,¹⁹¹ entre outros. Assim como, tapa-olhos eram raros, usados apenas em caso de ferimentos oculares, mas se tornaram uma peça comum fixa no imaginário popular, juntamente com as botas de mosqueteiro.



Figura 54 - Miss Fortune, do jogo League of Legends (2009). Fonte: Leaguepedia - Fandom



Figura 55 - Capitão Barbossa e seu macaco morto-vivo Jack. Fonte: Society of Explorers and Adventurers Wiki - Fandom

O mapa do tesouro é um excelente exemplo de simbolismo para o senso de aventura associado à pirataria, considerando que o hábito de enterrar tesouros é uma fabricação popular transformada em mito folclórico pirata.¹⁹² A bandeira negra, com suas conotações de violência e morte, também faz parte dessa noção de aventura, adicionando uma camada de rebeldia ao tema. A construção de uma vida estilosa, empolgante, aventureira, rebelde e, dependendo da obra, divertida, apesar dos riscos, passa pelos elementos acima, usados até se enraizarem no imaginário popular.

192

Little (2016, p.243, p.244, p.245)

Exemplo de cantiga "Drunken Sailor", uma das muitas performadas no jogo *Assassin's Creed IV Black Flag* (2013), podendo ser ouvida no link: <https://www.youtube.com/watch?v=qAMk-qy-Vz6c>

entretenimento comum nos navios. Ovidas também em jogos como *Assassin's Creed IV: Black Flag* (2013) e *Skull and Bones* (2024), a maneira que os personagens piratas cantam e/ou dançam podem transmitir diferentes mensagens, como pesar e lamento pela vida que levam. Porém, as obras acima escolheram a abordagem oposta, com o vigor e melodia de suas vozes inspirando euforia na forma de exaltação das suas vivências no mar, reproduzindo cantigas clássicas e, no caso do filme da *fada da Terra do Nunca*, músicas autorais com números musicais que realçam ainda mais a fantasia proposta.¹⁹³

Em resumo, a vida de pirata tornou-se um mito (Barthes, 1990) na cultura popular desde que os mesmos ainda estavam em atividade durante a Era de Ouro da Pirataria. A ânsia da sociedade em saber mais sobre essas figuras misteriosas despertou a criatividade de muitos em conceber uma determinada imagem do que seria um pirata, perpetuada por séculos adiante. A construção desse mito pode ser analisada pela semiologia de Barthes, com cada faceta da pirataria na cultura pop sendo concebida para os piratas serem vistos como descolados, aventureiros e até mesmo figuras a se inspirar, desconsiderando a realidade brutal em que eles viviam e o terror que causavam. Assim como este autor analisa o mito dos romanos no cinema a partir do filme *Júlio*

César (1953), onde a maioria dos personagens usa franja em uma tentativa de estabelecer um padrão único identificável para o povo de Roma (Barthes, 2001, p.21), os piratas se firmam de modo semelhante com seu próprio mito: o chapéu gigante, o tapa-olho, as botas de mosqueteiro, o linguajar caricato, entre outros elementos, não lhe deixam pensar que você está vendo outro tipo de personagem histórico senão os piratas do Caribe, mais especificamente dos séculos XVII e XVIII.

Recorte temporal do tema

5.3

194

Exemplos de dramatizações dos períodos citados incluem *Assassin's Creed: Unity* (2014), *Gladiador* (2000) e *Até o Último Homem* (2016), respectivamente.

Diversos períodos históricos possuem narrativas com personagens retratados de forma séria, tanto em livros quanto para o cinema e outras mídias, voltadas para um público mais velho, como a Revolução Francesa, o Império Romano, as Guerras Mundiais, entre outros, com piratas inclusos nessas narrativas.¹⁹⁴ Observa-se, porém, que os piratas também são amplamente moldados em suas características, com objetivo de se apresentarem para um público-alvo infanto-juvenil, sendo a romantização dessa figura histórica a raiz deste projeto.

Esse conceito foi melhor desenvolvido a partir do questionamento da razão pela qual a pirataria possui diversas obras de grande apelo popular para todas as idades, onde o imaginário sobre o tema é explorado a partir de personagens cômicos, pernas-de-pau, papagaios nos ombros, batalhas navais espetaculares, bandeiras de caveira, dentre outros. Segundo esses estereótipos, nota-se que todos eles são comuns a um período histórico em específico: a chamada Era de Ouro da Pirataria (1650 até 1730), quando a pirataria estava em seu auge, tanto em número de piratas que foram reconhecidos quanto no número de saques realizados.

Com os relatos grandiosos de piratas reais explicitados pelo pseudônimo Capitão Charles Johnson em *A General History of the Robberies and Murders of the most notorious Pyrates* e uma paleta visual concebida adiante em obras fictícias como *Ilha do Tesouro*, *Peter Pan* e *Piratas do Caribe*, o que era entendido como um pirata já estava bem estabelecido nas mentes do público, e por associação, com um grande foco na pirataria caribenha. Assim sendo, visando difundir de forma mais abrangente o projeto, alcançando o máximo de pessoas possível do público-alvo estipulado, e, considerado que o livro parte da romantização pirata para explorar o cotidiano real, baseado em pesquisas históricas, dessas figuras, a Era de Ouro da Pirataria foi o recorte temporal natural a ser escolhido.

Referências selecionadas

5.4

Com a decisão de desenvolver um livro retratando mais fidedignamente os piratas da Era de Ouro da Pirataria, foi-se necessário buscar referências bibliográficas sobre o tema, as quais seriam a base sólida do projeto, com sites e afins, desde o início servindo como suporte às informações do livro e de demais tópicos da monografia.

A fundação deste projeto está em dois livros, ambos escritos por historiadores especialistas em pirataria clássica, o primeiro, tendo sido escrito pela professora de história Dra. Rebecca Simon, autora também de outros livros como *Why We Love Pirates: The Hunt for Captain Kidd and How He Changed Piracy Forever* (2020) e *Pirate Queens: The Lives of Anne Bonny and Mary Read* (2022). Seu livro *The Pirate's Code: Laws and Life Aboard Ship* (2023) aborda a vida pirata a partir do Código Pirata,¹⁹⁵ um conjunto de condutas e regras a serem seguidas no navio visando ordem e lealdade.¹⁹⁶ Cada artigo do Código se refere a diferentes aspectos do cotidiano pirata, como punições violentas, divisão de ganhos, relacionamentos, entre outros, com a autora partindo desse conceito para explorar dados mais aprofundados sobre cada assunto de forma abrangente.

195

Disponível em: <<https://rebecca-simon.com/>>. Acesso em: 09 de out. de 2021.

196

Simon (2023, p.8)

O segundo livro, que embasou a monografia, foi escrito pelo ex-membro da Marinha dos Estados Unidos, o historiador Benerson Little, que assim como Simon, é apaixonado por navegações e pirataria, tanto academicamente, quanto por entretenimento. Porém, diferente de *The Pirate's Code: Laws and Life Aboard Ship* (2023), seu livro *The Golden Age of Piracy: The Truth Behind Pirate Myths* (2016) explora a temática pirata a partir de histórias reais, com o conteúdo desses contos derivando um panorama maior. Não que Simon não tenha usado relatos e imagens para corroborar suas informações, porém Little tem como foco tais narrativas ao longo dos seus capítulos que tem o mesmo objetivo de *The Pirate's Code*, sendo este apresentar fatos além da romantização pirata.

O terceiro livro, que serve de complemento aos dois anteriores, é o *World Atlas of Pirates: Treasures and Treachery on the Seven Seas, in Maps, Tall Tales, and Pictures* (2009), escrito pelo autor, historiador e especialista em piratas Angus Konstam.¹⁹⁷ Sua abordagem não é focada apenas na Era de Ouro da Pirataria, indo além do Caribe para abordar o tema em diversos períodos da história, como a Antiguidade, Idade Média até a atualidade, sendo importante para

197

Disponível em: <<http://www.anguskostam.com/index.html>>. Acesso em: 09 de out. de 2024.

fundamentar a parte histórica da monografia e ainda fornecer uma terceira visão acerca da veracidade dos assuntos abordados em relação aos piratas dos séculos XVII e XVIII.

A escolha dos três livros acima partiram da mesma visão norteadora do projeto, de que os piratas são tão interessantes quanto suas representações romântizadas na cultura pop, valendo expor a verdadeira natureza desse estilo de vida cruel que, por vezes, é pintado como divertido, empolgante e sem o devido peso quanto ao espírito violento e transgressor. Além dos livros, jogos como *Assassin's Creed IV: Black Flag* (2013) e filmes como *Piratas do Caribe: O Baú da Morte* (2006) foram importantes no entendimento do modo como a figura pirata é idealizada a partir de fantasias românticas já citadas, além de constituírem referências visuais a serem aproveitadas no projeto, juntamente com os demais filmes e jogos listados nas referências.¹⁹⁸

Para ter uma noção da direção visual que um livro informativo desse escopo poderia seguir, fiz visitas às livrarias Leitura e Travessa, ambas no Rio de Janeiro. Procurando opções tanto para o miolo, quanto para a capa, encontrando diversos materiais interessantes, como *The Book: The Ultimate Guide to Rebuilding a Civilization* (2023), *Enciclopédia Britâni-*

ca para curiosos - Volume 1 (2024), *The Black History Book: Big Ideas Simply Explained* (2021), entre outros livros de soluções gráficas interessantes para grande volume de informações compactadas. Entre registros e anotações, achei o exemplo que mais me cativou e me guiou a criar os primeiros rascunhos, este sendo o *Harry Potter: o almanaque mágico* (2023), possuindo em seu miolo inúmeras ilustrações entrelaçadas com textos de diversos tamanhos em diagramações dinâmicas. Apesar do meu livro não seguir totalmente essa referência, contribuiu com a percepção do que poderia fazer, auxiliando no início do processo criativo em que eu me encontrava.

Finalizo com a afirmação de que sem o conhecimento da língua inglesa, esse projeto dificilmente teria existido, já que as referências pesquisadas estão em sua maioria em inglês, corroborando com uma das motivações em fazer esse livro, sendo ela trazer à luz um conhecimento mais aprofundado sobre piratas caribenhos em língua portuguesa, quebrando assim uma barreira linguística para fãs e entusiastas brasileiros de pirataria clássica.

Escolha de tom do projeto

5.5

Desde o início de sua concepção, eu sabia que o projeto deveria ser sóbrio. Como um livro ilustrado, suas ilustrações não poderiam ser cartunescas ou de teor infantil, arriscando prejudicar a seriedade de determinados temas explicitados.

Assim, o estilo das ilustrações adotado segue uma estética realista, com o preenchimento de suas formas indo na mesma direção, tanto no tipo das pineladas digitais utilizadas, quanto nas cores selecionadas. O terceiro capítulo, “O Grande Mar do Caribe”, possui dois mapas, um de Madagascar e outro do Caribe, ambos realizados em uma paleta de cores diversificada, de forma a chamar atenção como páginas interessantes para o leitor, ainda assim mantendo o realismo proposto. A inclusão de imagens reais, como documentos e pinturas, reforça a ideia de ser um livro para jovens e adultos.

A escrita dos textos é objetiva, considerando o tamanho sucinto das colunas em relação ao volume de informações pesquisadas. O narrador não é ninguém alheio ao tema, nem isento de personalidade. Suas explicações possuem um certo tom de sarcasmo, principalmente voltado a críticas sobre os piratas,

porém nada exagerado para que o narrador não vire um personagem ou roube atenção do foco da leitura, ou seja, sobre as informações e desmitificações da vida de pirata caribenha.

Título do livro e seu público-alvo

5.6

A canção *Yo Ho (A Pirate's Life for Me)* é quase um hino não-oficial de piratas na cultura pop. Composta em 1967 por George Bruns e F. Xavier Atencio, a canção descreve atos comuns de pirataria, como sequestros e saques, de forma infantil e amigável, cuja letra simples e melodia pregnante fazem a música ser ideal para o local em que ela é tocada: a atração *Piratas do Caribe* nos parques da Disney, de ampla popularidade entre pessoas de todas as idades.¹⁹⁹

O termo “Vida de Pirata” (*A Pirate's Life*) consegue se separar da música sem trazer com ele suas origens infantis, ainda, sim, referenciando uma propriedade familiar a todos que conhecem ou já ouviram falar sobre a temática pirata e suas características. Dessa forma, considerando que o conteúdo do projeto é explorar diferentes locais do cotidiano de um pirata caribenho, “Vida de Pirata” tornou-se uma opção natural para nomear o projeto, mesmo que em língua portuguesa a referência à clássica canção se perca, já que a mesma foi adaptada para “Yo Ho Eu sou um pirata sim”. Tal perda não impacta o significado do título do projeto, se sustentando por si só dado o conteúdo abordado, ainda sendo compreendido por entusiastas do tema.

Quanto ao subtítulo, o livro se propõe a ser um guia abrangente, fornecendo um panorama sobre as histórias dos verdadeiros piratas do Caribe. Por restrições de tempo, e orçamentárias, não poderia ser desenvolvido um livro extenso, incluindo tudo que se há para falar sobre a Era de Ouro da Pirataria, portanto o artigo “um” foi escolhido para o subtítulo “Um Guia Ilustrado”, além de ter sido uma escolha pessoal não tentar inferir possível arrogância de estabelecer o projeto como “O” guia definitivo sobre a temática.

Diferente da Disney, o projeto não visa abranger crianças no seu público-alvo. Apesar de reconhecer que o teor temático e visual do livro seria de curiosidade para os pequenos, há diversos assuntos que não são próprias para essa faixa etária, como descrição de tortura, imagens violentas ou de cunho sexual. Buscando não se restringir a lidar com determinados aspectos, a melhor escolha foi estabelecer o público-alvo a partir dos 15 anos em diante. Dentro desse espectro, o projeto almeja alcançar apaixonados por história, entusiastas do tema pirata, e leigos no assunto, de forma que essas pessoas se interessem pelo projeto gráfico, no primeiro momento, e leiam posteriormente o conteúdo do livro em si.

199

A letra completa no idioma original, inglês, está disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/temas-de-filmes/piratas-do-caribe-yo-ho-a-pirates-life-for-me.html>>. Acesso em: 26 de set. de 2024

O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO



Este capítulo apresentará o processo de realização prática do projeto, assim como a escolha das decisões criativas fundamentais sobre a concepção do logo, seleção da tipografia e paleta de cores, além de como os textos foram escritos a partir da pesquisa realizada a partir da monografia, estando intrínseca com o planejamento editorial do livro.

Logo 6.1

Quando se notam logotipos de obras cuja temática é pirataria, percebemos alguns padrões, como fontes caligráficas ou serifadas, estas podendo ser orgânicas, ranhuras, texturas sujas e/ou metálicas, tudo isso em um tamanho imponente e chamativo. Durante a Era de Ouro da Pirataria, leia-se séculos XVII e XVIII, assume-se que as fontes serifadas encontradas nos impressos eram humanistas e transicionais, com as diferenças entre esses estilos sendo sutis. O principal elemento de diferenciação entre esses dois estilos para as fontes modernas são o contraste de espessura das letras, com a última possuindo diferenças marcantes de grossura nas hastes, além das suas serifas serem retas ou terminais em círculos.

Com a linha que separa as fontes humanistas e transicionais sendo mais tênue, ambos estilos, no que tange a temática pirata e suas associações temporais, são mais relacionados com antiguidade fora de uma vertente elegante. Tanto que uma fonte moderna, como a Bodoni, por exemplo, gera estranheza imediatamente se usada em um contexto de piratas, passando assim uma ideia clássica, porém com requinte, o que não é uma característica desses personagens históricos.²⁰⁰

200

Disponível em: <<https://betterwebtype.com/recognising-font-styles/>>. Acesso em: 26 de set. de 2024.

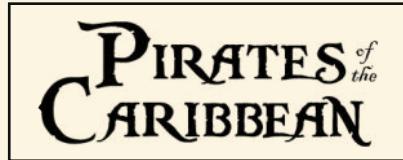


Figura 56 - Logo da franquia Piratas do Caribe. Fonte: Wikipedia



Figura 57 - Logo do jogo Sea of Thieves (2018). Fonte: Wikipedia



Figura 58 - Logo da série Black Sails (2014-2017). Fonte: Seeklogo

Desse modo, no logotipo do projeto, que possui título e subtítulo, e com objetivo de diferenciá-los imediatamente um do outro, busquei dois estilos de tipografia antagônicos, mas que ainda estivessem na proposta temática. Para o título do livro, procurei uma fonte serifada que remetesse a uma época longínqua, mas com o toque certo de rispidez, chegando assim na escolha da Killam, desenvolvida por Stephen Nixon. “Vida de Pirata” é um termo grande para ser disposto todo horizontalmente, então a decisão de dividir em duas linhas, numa estrutura vertical, foi instantânea, porém, “Vida de” em cima e “Pirata” em baixo causou um desequilíbrio que deveria ser evitado.



Figura 59 – Primeiro arranjo das palavras do logo. Fonte: Elaboração Própria

Com essa questão pendente, busquei minha fonte secundária para o subtítulo, me voltando para as fontes cursivas, evitando caligrafias exatas e indo para o incerto, brusco e sujo, mas que ainda fosse legível. A escolhida foi a WC Mano Negra Bta, desenvolvida pelo estúdio Atypeek Design, com seus movimentos emuladores de pinceladas tremidas combinando com a proposta da publicação. Como a única repetição de letra do subtítulo era o “A”, alterei manualmente uma delas para reforçar a ideia de manuscrito, já que dificilmente haveria letras idênticas se fossem escritas a mão.



Figura 60 – Versão mais elaborada com o título e subtítulo. Fonte: Elaboração Própria

Com as duas fontes acima combinadas, consegui meu objetivo de unir o passado muito antigo com um aspecto áspero e rústico, inferindo que o projeto irá abordar uma época distante com algum elemento disruptivo em sua abordagem. Porém, faltava a questão do equilíbrio, que seria resolvida com a ampliação do “P” de “piratas”, que em conjunto com o “de” disposto verticalmente encaixado no topo do “A”, conferiu um dinamismo extra que o logo precisava.

Para fechar o conceito, a redução da letra “I” permitiu que fosse incorporado o pingo característico de sua versão minúscula, configuração essa que assumiu o formato de uma caveira desenhada a mão e vetorializada posteriormente, concluindo assim os elementos necessários para alcançar o significado completo que o logo deveria transmitir. Importante citar que ambas as fontes escolhidas são gratuitas, liberadas para uso pessoal e comercial.

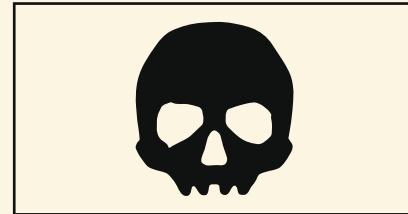


Figura 61 - Ícone de caveira do logo. Fonte: Elaboração Própria



Figura 62 - Versão final do logo. Fonte: Elaboração Própria

Planejamento editorial

6.2

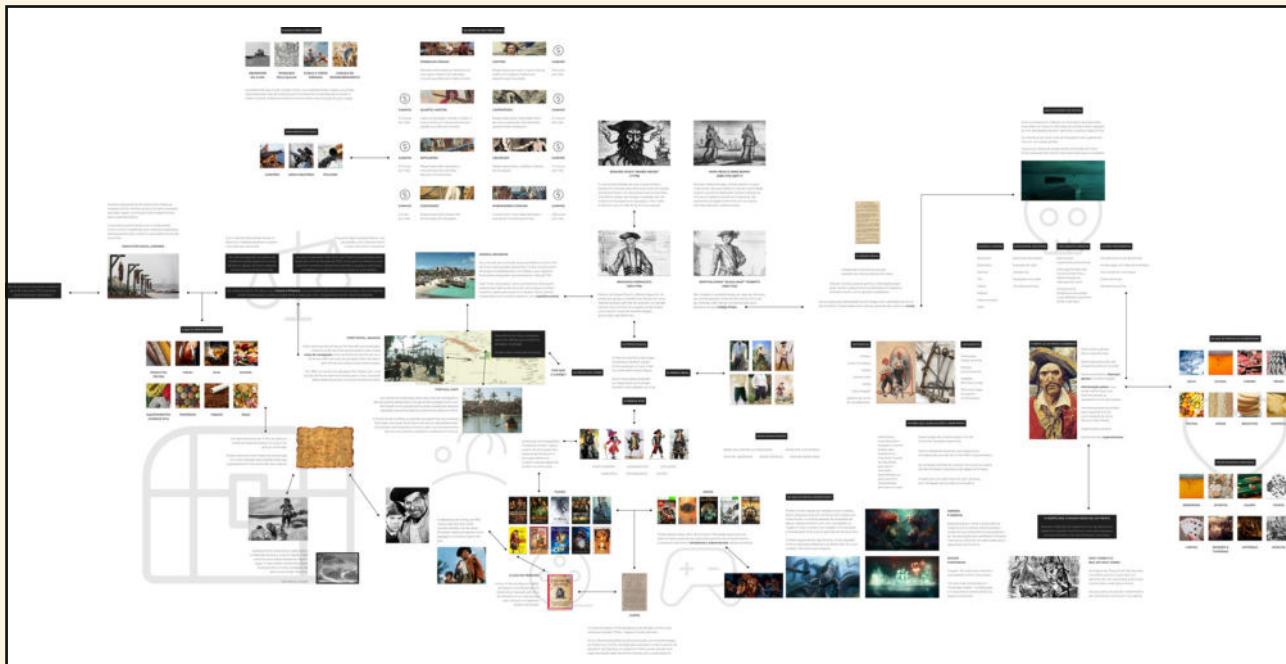


Figura 63 – Mapa mental do projeto. Fonte: Elaboração Própria

O livro *Vida de Pirata: Um Guia Ilustrado* foi pensado a partir da quantidade de conteúdos que poderia ser abordado em relação ao tema pesquisado. Se tratando da pirataria caribenha, representa um assunto histórico que carece de verdades inquestionáveis em diversos pontos, dado o número de séculos passados. Porém, há relatos e pesquisas de especialistas e historiadores que pautam determinadas noções acerca de como eram os piratas do período e suas formas de atuação.

Após a leitura das referências bibliográficas adotadas como base, pensei em possíveis temas que poderiam ser abordados, como doenças, punições, bandeiras, entre outros exemplos. Um mapa mental foi desenvolvido para expor para minha orientadora as possibilidades do tema, além de ter sido de extrema importância apresentar os assuntos que estavam em minha cabeça e organizá-los de forma prática, vendo também possíveis ramificações temáticas e o modo como cada tópico poderia se conectar a outro.

Posteriormente, fiz um panorama sobre como a pirataria é mostrada na cultura pop de forma generalizada, já que não há como cobrir todas as obras piratas que já existiram, e a partir das mais pregnantes, tracei quais aspectos do cotidiano pirata podiam ser explorados de forma que sua explanação fornecesse

dados importantes para proporcionar desmitificações ou ampliar o conhecimento acerca de certos assuntos.

Dessa forma, tratei de mostrar outro lado da pirataria, frequentemente mostrada como divertida, aventureira e empolgante da ficção, explicando que a realidade era mais dura, suja, brutal e menos fantástica, quebrando mitos criados, como o andar punitivo na prancha, o enterro de baús de tesouro, a imagem lendária de certos piratas famosos, entre outras noções, como o mito de batalhas navais grandiosas. A ideia era ir amarrando essas informações conforme os temas de cada capítulo, permitindo que o leitor tivesse contato com esse conteúdo gradualmente. Para isso, aqueles possíveis temas que citei foram organizados em grupos com elementos em comum, os quais se tornariam futuros capítulos do livro.

Quanto à sequência dos capítulos, pensei em uma lógica de progressão para determinar sua ordem. Assim, o livro começa com o capítulo “A Pirataria na Cultura Pop”, uma introdução da pirataria fictícia com alguns exemplos, seguido pelo segundo capítulo, “O Perfil de um Pirata”, o qual é focado na figura pirata, contrapondo com o que foi mostrado no capítulo anterior. O terceiro, “O Grande Mar do Caribe”, expande essa figura, indo pelos seus costumes fora do mar, aproveitando para explorar o Caribe e seus pontos

de interesse. O capítulo que o sucede, “Navios e seus Tripulantes”, aborda a ideia do cotidiano pirata, só que em alto mar, sendo a parte do livro focada nos navios e suas tripulações.

Durante o período que antecedeu o TCC, eu considerava incluir uma seção acerca de lendas marítimas populares, como o Kraken. Julguei ser uma oportunidade visual excelente, além de ser um conteúdo mais próximo para quem não tem muito contato com o tema do livro. Entretanto, um capítulo inteiro dedicado a isso me pareceu um pouco deslocado do fio narrativo que propus a mim mesmo, até que decidi expandir o termo “lendas” para além das bestas marítimas e o apliquei, também, para alguns capitães piratas que ostentam *status* gloriosos, sendo uma chance de ir contra tal glorificação.

Dessa forma, “Violência e as Lendas do Mar” é centrado na violência, seja dos piratas em geral, sejam das suas figuras mais famosas, usadas de exemplo Barba-Negra, Bartholomew Roberts e Henry Every, finalizando com a apresentação das feras do mar que assolavam as superstições marítimas da época.

Finalizando o conteúdo do livro, “O Declínio da Era de Ouro” aborda o fim da pirataria organizada caribenha, feita sem grandes alardes ou eventos grandiosos,

sendo uma transição gradual das águas sem lei para enfraquecimentos em massa de piratas, e seus associados, pelas autoridades. Neste capítulo, também aproveitei para escrever um texto de conclusão, traçando um panorama do que foi lido até então, além de reafirmar o propósito informativo do livro, seguido por um glossário de termos e nomes importantes, visando uma consulta rápida do leitor.

Paleta de cores

6.3

Eu gostaria que o livro fosse um projeto gráfico atraente, incluindo o uso de cores. Para tal fim, foi definido que cada capítulo teria uma cor própria, com amplo destaque em suas aberturas de capítulo, com cada cor servindo de apoio em determinados textos ao longo do mesmo conteúdo. O terceiro capítulo, “O Grande Mar do Caribe”, tem o verde como sua cor principal e a razão disso é minha associação do Caribe com a natureza, folhas, palmeiras e, principalmente, como pedaços de terra representados em mapas, um dos principais elementos que eu utilizei para ilustrar o capítulo: o mapa da região caribenha, assim como a ilha de Madagascar. Em contraponto, o capítulo seguinte, “Navios e seus Tripulantes”, é tematizado com o azul, sendo a cor das águas, tanto em sentido comum, quanto nos mapas, indo de encontro com o foco do capítulo na vida de pirata sob os mares.

A cor do sangue, da guerra e da fúria foi a escolhida para tematizar o capítulo “Violência e as Lendas do Mar”, dado seu foco nos atos de brutalidade cometidos pelos piratas e reprovados entre suas páginas. As associações do vermelho de amor e sensualidade são revertidas em ódio e demais sensações negativas ao estarem juntas da cor preta na abertura de capítu-

lo, padrão que se repete em todas, porém há maior funcionalidade nesta em específico.²⁰¹ Para finalizar, “O Declínio da Era de Ouro” julguei ser melhor representado por um tom dourado que fizesse ligação direta com a palavra “ouro” e suas associações gloriosas.

A ilustração da força, juntamente com a cruz de um túmulo, reverte essa glória imediatamente, fazendo o dourado em questão parecer menos próspero e mais sombrio. As cores dos demais capítulos foram escondidas com objetivo de harmonizar com o restante da paleta, sem uma razão temática específica como as citadas acima, porém, todas as cores seguem uma restrição técnica de possuirem um dos canais CMYK com 100% de cor, evitando possíveis problemas de visualização de tipografias coloridas dentro do miolo.

C=100 M=26 Y=63 K=07 008274

C=50 M=100 Y=41 K=00 942b69

C=70 M=25 Y=100 K=08 598c3e

C=100 M=51 Y=27 K=05 006990

C=20 M=100 Y=100 K=10 b72126

C=28 M=47 Y=100 K=00 besb31

C=74 M=66 Y=66 K=75 1c1e1d

C=05 M=05 Y=11 K=00 fcf5e2

201

Heller (2013, p.105)

Tipografia

6.4

A Killam, com sua estética de passado e serifas levemente onduladas, oferece o visual perfeito de documento antigo, sendo usada no livro para títulos em tamanho 16 pt e tracking 10.

Para informações secundárias, a WC Mano Negra Bta provê o destaque necessário, com seu formato cursivo e pincelado sendo o tipo mais distinto do livro, ainda estando na estética pirata. Seu tamanho varia conforme a informação e local do layout.

Os textos corridos são escritos na Yrsa, em peso light, com destaque em semibold. Ela é uma fonte serifada, de aspecto sofisticado e clássico, ainda tendo um quê moderno. Diferente da WC Mano Negra Bta, a ausência de ranhuras e maior sobriedade foi essencial para que ela permanecesse legível durante os textos corridos. Seu tamanho padrão de 9 pt, tracking 5 e entrelinha 13,5 pt garante tal legibilidade, gerando um texto elegante e com respiro adequado.

Para a cinta do livro, usei a Precious, com seus ornamentos se assemelhando a caligrafias de documentos oficiais da época, estética essa que busquei alcançar, no caso, uma subversão de uma carta de corso.

Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Jj Kk

Ll Mm Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu

Vv Ww Xx Yy Zz 0123456789

Killam

Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Jj Kk

Ll Mm Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu

Vv Ww Xx Yy Zz 0123456789

Wc Mano Negra

Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Jj Kk

Ll Mm Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Uu

Vv Ww Xx Yy Zz 0123456789

Yrsa

Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Jj

Kk Ll Mm Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt

Uu Vv Ww Xx Yy Zz 0123456789

Precious

União entre desenhos, imagens e textos

6.5

O processo de desenvolvimento das páginas do livro foi curioso. Primeiramente, um espelho foi desenhado bruscamente, mas visando o layout final com certa fidelidade de modo a evitar contratempos futuros.

Baseado nesse espelho, comecei pelas páginas 10 e 11, no primeiro capítulo, com as demais páginas sendo feitas dessa forma, desenhadas em página dupla no Adobe Photoshop, com o desenho inserido posteriormente no layout final no Adobe InDesign. Importante ressaltar que, mesmo com os textos e desenhos sendo meros rascunhos, já se sabia de antemão o que abordaria cada página e o que seria escrito em cada coluna.

Nessa primeira página dupla, comecei desenhando com base no espelho e inserindo pequenas linhas para estabelecer o local dos textos a serem escritos. Após a ilustração concluída, os escrevi e assim a página foi finalizada. Visando ganhar tempo, inverti posteriormente o processo, com as páginas seguintes sendo diagramadas e escritas primeiro, com a ilustração sendo feita depois, o que me forneceu uma visão mais ampla do escopo do projeto, além de maior produtividade e menor margem de erro.

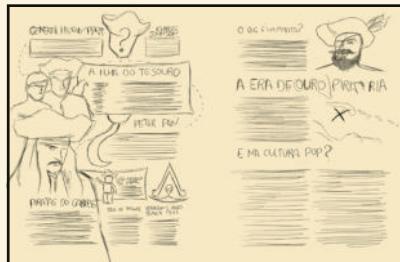


Figura 64 - Rascunho das páginas 10 e 11. Fonte: Elaboração Própria



Figura 65 - Páginas 10 e 11 finalizadas. Fonte: Elaboração Própria

Essas diferentes formas de trabalho revelaram um processo no qual a escolha de imagens e ilustrações são realizadas para servirem ao texto e não o contrário. Com relação ao volume textual, ambas apresentam um ponto de vista novo, traduzem a informação em algo visual ou simplesmente decoram a página. Imprevistos aconteceram, informações novas surgiram, assim como novas imagens e ilustrações, acarretando mudanças do layout, porém o desenvolvimento prévio completo do espelho demonstrou ser extremamente útil no contorno de tais problemas, resolvidos eficientemente.

No geral, o que guiou o desenvolvimento das páginas foi o compromisso de desenvolver um projeto gráfico que cativasse leitores distintos em um tema histórico que os mesmos poderiam considerar massante.



Figura 66 - Rascunho das páginas 14 e 15. Fonte: Elaboração Própria



Figura 67 - Páginas 14 e 15 finalizadas. Fonte: Elaboração Própria

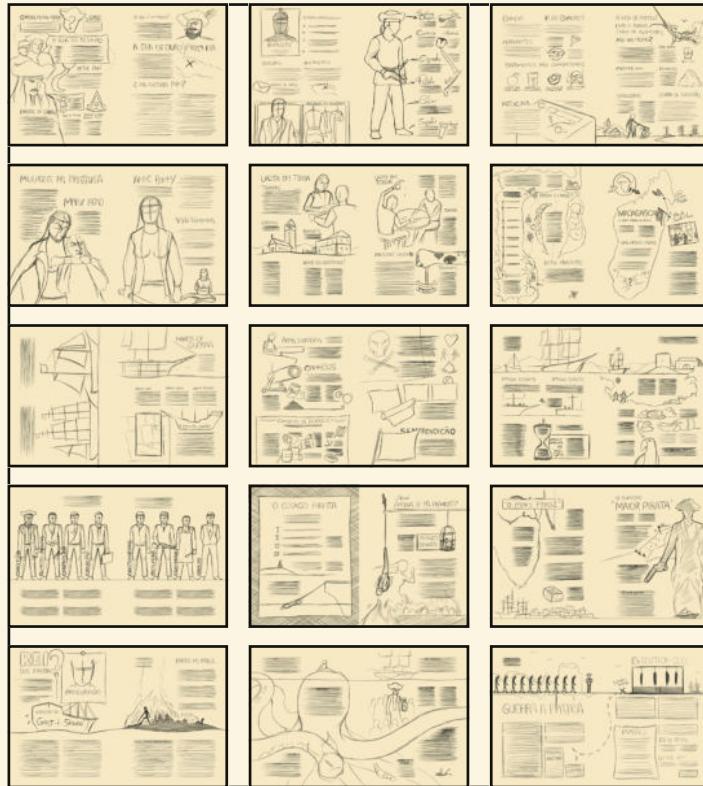


Figura 68 - Espelho completo do projeto. Fonte: Elaboração Própria

Especificações técnicas

6.6

O *Vida de Pirata: Um Guia Ilustrado* possui um miolo de 60 páginas de 20 cm de largura por 27,5 cm de altura (formato fechado = 20,0 x 27,5 cm; formato aberto = 40,0 x 27,5 cm). Seu grid é composto por 4 colunas de medianiz 0,5 cm, com suas margens superior, inferior e externa tendo 2,0 cm e a interna tendo 3,0 cm, visando melhor respiro de informações na hora da encadernação.

A impressão da boneca do livro ficou a cargo da CX Digital, com o miolo sendo impresso em papel couché fosco 115g/m², capa em presentation 180g/m² com laminação fosca e guarda em offset 180g/m², também com laminação fosca. Acompanhando a capa, há uma cinta temática de uma carta de corso, uma brincadeira com o leitor, dando “permissão” para ler o livro, tal como as cartas de corso originais da Era de Ouro da Pirataria, que davam aval aos corsários de atacarem nações inimigas. A encadernação da boneca ficou com o ateliê Encadernação RJ.

Referências

LIVROS E ARTIGOS

BARTHES, R. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**: ensaios sobre fotografia, cinema, teatro e música. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

HELLER, E. **A psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

KONSTAM, A. **World Atlas of Pirates**: Treasures and Treachery on the Seven Seas, in Maps, Tall Tales, and Pictures. Essex: Lyons Press, 2009.

KUMAR, G. Kiran. INFOGRAPHICS A BACKBONE FOR EFFECTIVE COMMUNICATION. **International Journal of Information Movement**, v.2, n.9, p. 118-121, 2018.

LITTLE, B. **The Golden Age of Piracy**: The Truth Behind Pirate Myths. Nova Iorque: Skyhorse, 2021.

SIMON, R. **The Pirate's Code**: Laws and Life Aboard Ship. Londres: Reaktion Books, 2023.

SOLIMAN, Amal Farag. The aesthetic and communicative values of illustrations used in infographic. **International Journal of Multidisciplinary Studies in Art and Technology**, v. 2, n. 2, p. 14-23, 2019.

VIDEOS

NERDOLOGIA. Piratas no Brasil e a colonização. YouTube, 9 de março de 2021. 10min01s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=waLCCzAxeWo&t=2s>>. Acesso em: 26 de set. de 2024.

UBISOFT Music. Drunken Sailor (Sea Shanty with lyrics) | Assassin's Creed 4: Black Flag (OST). YouTube, 27 de janeiro de 2021. 1min29s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QAmKqy-Vz6c>>. Acesso em: 10 de dez. de 2024.

JOGOS

ASSASSIN'S CREED® IV: Black Flag. Montreal: Ubisoft, 2013. 1 jogo eletrônico.

LEGO® Pirates of the Caribbean: The Video Game. Knutsford: Traveller's Tales, 2011. 1 jogo eletrônico.

SEA OF THIEVES. Redmond: Microsoft Studios, 2018. 1 jogo eletrônico.

SKULL AND BONES. Singapura: Ubisoft, 2024. 1 jogo eletrônico.

SID MEIER'S PIRATES!. Baltimore: Firaxis Games, 2004. 1 jogo eletrônico.

FILMES E SÉRIES

BREAKING BAD. Criação: Vince Gilligan. Produção: Vince Gilligan. Estados Unidos: High Bridge Entertainment, Gran Via Productions, Sony Pictures Television. Disponível em: Netflix.

DAHMER: Um Canibal Americano. Desenvolvedor: Ryan Murphy, Ian Brennan. Estados Unidos: Netflix. Disponível em: Netflix.

DEADPOOL. Direção: Tim Miller. Produção: Simon Kinberg, Ryan Reynolds, Lauren Shuler Donner. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2016. Disponível em: Disney+. (108 min).

A Ilha do Tesouro. Direção: Byron Haskin. Produção: Walt Disney, Perce Pearce. Estados Unidos: RKO-Walt Disney British Productions Limited, 1950. Disponível em: Disney+. (88 min).

NARCOS. Criação: Chris Brancat, Carlo Bernard, Doug Miro. Produção: Paul Eckstein, Mariano Carranco, Tim King, Lorenzo O'Brien. Estados Unidos, Colômbia: Netflix. Disponível em: Netflix.

PANTERA NEGRA. Direção: Ryan Coogler. Produção: Kevin Feige. Estados Unidos: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2018. Disponível em: Disney+. (134 min).

PETER PAN. Direção: P.J. Hogan. Produção: Patrick McCormick, Lucy Fisher, Douglas Wick. Estados Unidos, Reino Unido: Universal Pictures, Columbia Pictures, 2003. 1 DVD. (113 min).

SITES

PIRATAS do Caribe: A Maldição do Pérola Negra. Direção: Gore Verbinski. Produção: Jerry Bruckheimer. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, Jerry Bruckheimer Films, 2003. Disponível em: Disney+. (143 min).

PIRATAS do Caribe: No Fim do Mundo. Direção: Gore Verbinski. Produção: Jerry Bruckheimer. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, Jerry Bruckheimer Films, 2007. Disponível em: Disney+. (168 min).

PIRATAS do Caribe: O Baú da Morte. Direção: Gore Verbinski. Produção: Jerry Bruckheimer. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, Jerry Bruckheimer Films, 2006. Disponível em: Disney+. (151 min).

THE Boys. Desenvolvedor: Eric Kripke. Produção: Hartley Gorenstein. Estados Unidos: Prime Video. Disponível em: Prime Video.

TINKER Bell: Fadas e Piratas. Direção: Peggy Holmes. Produção: Jenni Magee-Cook. Estados Unidos: Walt Disney Studios Home Entertainment, 2014. Disponível em: Disney+. (78 min).

VINGADORES: Guerra Infinita. Direção: Anthony Russo, Joe Russo. Produção: Kevin Feige. Estados Unidos: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2018. Disponível em: Disney+. (149 min).

WATCHMEN: O Filme. Direção: Zack Snyder. Produção: Lawrence Gordon, Lloyd Levin, Deborah Snyder. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, Paramount Pictures, 2009. Disponível em: Apple TV+. (162 min).

A França Equinocial e a conquista do Maranhão e Grão-Pará. **Portal MultiRio**, [s.d.]. Disponível em: <https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/america-portuguesa/8768-a-franca-equinocial-e-a-conquista-do-maranhao-e-grao-pará>. Acesso em: 26 de set. de 2024.

ALEXANDRE, Paulo. "James Lancaster e o ataque dos corsários ao Recife em 1595". **HistóriaBlog**, 2024. Disponível em: <https://historiablog.org/2024/05/03/recife-saqueado-por-corsarios-a-expedicao-invasora-de-james-lancaster/>. Acesso em: 27 de fev. de 2024.

BARRETT, Claire. "Why We Love Pirates: Arrrrr Obsession With the Rogues of the Sea". **HistoryNet**, 2022. Disponível em: <https://www.historynet.com/why-we-love-pirates-interview/>. Acesso em: 10 de set. de 2024.

BESSON, Anne. "Peter Pan: The Boy Who Wouldn't Grow Up". **Fantasy - BnF**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/age-of-exploration-1435006>. Acesso em: 07 de out. de 2024.

BILETA, Vedran. "Scourge of the Inner Sea: The Pirates of the Ancient Mediterranean". **TheCollector**, 2021. Disponível em: <https://www.thecollector.com/ancient-mediterranean-pirates/>. Acesso em: 19 de mar. de 2024.

BORRELLI, Jeremy. "Artifact of the Month: A Look Inside Blackbeard's Head". **Queen Anne's Revenge Project**, 2018. Disponível em: <https://www.qaronline.org/blog/2018-03-01/artifact-month-seat-of-ease>. Acesso em: 10 de jan. de 2025.

BRINEY, Amanda. "What Was the Age of Exploration?". **ThoughtCo**, 2024. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/age-of-exploration-1435006>. Acesso em: 07 de set. de 2024.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. "Pirates, Privateers, Corsairs, Buccaneers: What's the Difference?". **Encyclopedia Britannica**, 2017. Disponível em: <https://www.britannica.com/story/pirates-privateers-corsairs-buccaneers-whats-the-difference>. Acesso em: 27 de fev. de 2024.

BURLINGAME, Jon. "It's a pirate's life, with little of the 'yo ho'". **Los Angeles Times**, 2003. Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2003-jul-08-et-burls-story.html>. Acesso em: 26 de set. de 2024.

CAMBRIDGE, In: Cambridge Dictionary. Cambridge: Cambridge University Press & Assessment, 2024. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/learner-english/pirate>. Acesso em: 27 de fev. de 2024.

CAMBRIDGE, In: Cambridge Dictionary. Cambridge: Cambridge University Press & Assessment, 2024. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/antihero>. Acesso em: 28 de fev. de 2024.

CAMBRIDGE, In: Cambridge Dictionary. Cambridge: Cambridge University Press & Assessment, 2024. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/villain>. Acesso em: 28 de fev. de 2024.

- CARTWRIGHT, Mark. "Henry Every". **World History Encyclopedia**, 2021. Disponível em: https://www.worldhistory.org/Henry_Every/. Acesso em: 15 de out. de 2024.
- CARTWRIGHT, Mark. "Pirate Havens in the Golden Age of Piracy". **World History Encyclopedia**, 2021. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/article/1844/pirate-havens-in-the-golden-age-of-piracy/>. Acesso em: 02 de out. de 2024.
- CARTWRIGHT, Mark. "Woodes Rogers". **World History Encyclopedia**, 2021. Disponível em: https://www.worldhistory.org/Woodes_Rogers/#google_vignette. Acesso em: 02 de out. de 2024.
- CINQUE Ports. **Winchelsea**, 2024. Disponível em: <https://www.winchelsea.com/the-town-story/history/cinque-ports/>. Acesso em: 19 de mar. de 2024.
- CRAWFORD, Amy. "The Gentleman Pirate". **Smithsonian Magazine**, 2007. Disponível em: <https://www.smithsonianmag.com/history/the-gentleman-pirate-159418520/>. Acesso em: 27 de fev. de 2024.
- DELORME, S. D. "Israel Hands, the Devil's Sidekick: The Golden Age of Piracy. — A Brief History". **Medium**, 2022. Disponível em: <https://medium.com/@S.D.Delorme/israel-hands-the-devils-sidekick-the-golden-age-of-piracy-a-brief-history-a11bf42b9553>. Acesso em: 05 de mar. de 2024.
- EHRLICH, Lara. "Allure of the Antihero". **The Brink**, 2016. Disponível em: <https://www.bu.edu/articles/2016/anti-heroes/>. Acesso em: 04 de mar. de 2024.
- FRANÇA Antártica: franceses na Guanabara. **Portal Multi-Rio**, [s.d.]. Disponível em: <https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/2422-a-franca-antartica-os-franceses-na-baia-de-guanabara>. Acesso em: 26 de set. de 2024.
- FRANCHISE: Pirates of the Caribbean. **Box Office Mojo**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.boxofficemojo.com/franchise/f13494350597/>. Acesso em: 07 de set. de 2024.
- GONZALEZ, Nora. "The Eternal Legacy of Treasure Island". **Encyclopedia Britannica**, 2017. Disponível em: <https://www.britannica.com/story/the-eternal-legacy-of-treasure-island>. Acesso em: 27 de fev. de 2024.
- HARKER, Joe. "Johnny Depp created Captain Jack Sparrow by turning up sauna to '1000 degrees' until it affected him mentally". **LADbible**, 2022. Disponível em: <https://www.ladbible.com/entertainment/johnny-depp-captain-jack-sparrow-sauna-20221116>. Acesso em: 05 de mar. de 2024.
- KONSTAM, Angus. **Angus Konstam**, [s.d.]. Página inicial. Disponível em: <http://www.anguskonstam.com/index.html>. Acesso em: 09 de out. de 2024.
- LATIN, Matej. "A Guide to Recognising Font Styles". **Better Web Type**, [s.d.]. Disponível em: <https://betterwebtype.com/recognising-font-styles/>. Acesso em: 26 de set. de 2024.
- LETTLERL, Richard. "Why Are We So Interested in Crime Stories?". **Psychology Today**, 2021. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/decoding-madness/202109/why-are-we-so-interested-in-crime-stories>. Acesso em: 04 de mar. de 2024.
- LUCKHURST, Roger. "The timeless allure of pirates". **BBC**, 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/culture/article/20170621-the-timeless-allure-of-pirates>. Acesso em: 09 de set. de 2024.
- MARK, J. Joshua. "Bronze Age Collapse". **World History Encyclopedia**, 2019. Disponível em: https://www.worldhistory.org/Bronze_Age_Collapse/. Acesso em: 19 de mar. de 2024.
- MARK, J. Joshua. "Hanseatic League". **World History Encyclopedia**, 2019. Disponível em: https://www.worldhistory.org/Hanseatic_League/. Acesso em: 14 de mar. de 2024.
- MARK, J. Joshua. "Pirates in the Ancient Mediterranean". **World History Encyclopedia**, 2019. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/Piracy/>. Acesso em: 19 de mar. de 2024.
- MARK, J. Joshua. "The Hittites". **World History Encyclopedia**, 2018. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/hittite/>. Acesso em: 10 de out. de 2024.
- MARK, J. Joshua. "Vikings". **World History Encyclopedia**, 2018. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/Vikings/>. Acesso em: 14 de mar. de 2024.
- MCLEOD, Saul. "Freud's Theory of Personality: Id, Ego, and Superego". **Simply Psychology**, 2024. Disponível em: <https://www.simplypsychology.org/psyche.html>. Acesso em: 05 de nov. de 2024.

McCLEAN, Declan. "Where did the Vikings go? The Decline of Norse Piracy". **Medievalist.net**, 2024. Disponível em: <https://www.medievalists.net/2021/11/where-did-the-vikings-go-the-decline-of-norse-piracy/>. Acesso em: 07 de mar. de 2024.

MEDEIROS, Daniel. "Dahmer: Um Canibal Americano' vira um dos maiores sucessos da Netflix". **Terra**, 2022. Disponível em: https://www.terra.com.br/diversao/entre-telas/series/dahmer-um-canibal-americano-vira-um-dos-maiores-sucessos-da-netflix_21b0e9a28bf38aa3e42326a-136c41959s9h52ldy.html. Acesso em: 08 de out. de 2024.

MESQUITA, João Lara. "Piratas que atormentaram o litoral do Brasil". **Mar Sem Fim**, 2018. Disponível em: <https://marsemfim.com.br/piratas-que-atormentaram-o-litoral-do-brasil/>. Acesso em: 26 de set. de 2024.

NARCOS | Rotten Tomatoes. **Rotten Tomatoes**, [s.d.]. Disponível em: <https://wwwrottentomatoes.com/tv/narcos>. Acesso em: 08 de out. de 2024.

NUTTER, Nick. "Ancient Sea Trade Routes in the Mediterranean Sea". **Nottersworld**, 2024. Disponível em: <https://nuttersonline.com/ancient-trade-routes-mediterranean-sea/ancient-maritime-trade-routes-mediterranean-sea/>. Acesso em: 10 de out. de 2024.

OXFORD, In: Oxford Learner's Dictionaries. Oxford: Oxford University Press, 2024. Disponível em: https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/pirate_1#:~:text=pirate,noun,order%20to%20steal%20from%20them. Acesso em: 27 de fev. de 2024.

OXFORD, In: Oxford Learner's Dictionaries. Oxford: Oxford University Press, 2024. Disponível em: <https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/viking>. Acesso em: 07 de mar. de 2024.

PIRATAS do Caribe - Yo Ho (a Pirate's Life For Me). **Vagalume**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/temas-de-filmes/piratas-do-caribe-yo-ho-a-pirates-life-for-me.html>. Acesso em: 26 de set. de 2024.

REBECCA SIMON. **Dr. Rebecca Simon**, 2021. Página inicial. Disponível em: <https://rebecca-simon.com/>. Acesso em: 09 de out. de 2024.

RULE, Chris. "Piratical History of Port Royal". **Pirates! Fact and Legend**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.piratesinfo.com/pirate-facts-and-pirate-legends/pirate-strongholds-hideouts/piratical-history-of-port-royal/>. Acesso em: 02 de out. de 2024.

RULE, Chris. "Piratical History of Tortuga". **Pirates! Fact and Legend**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.piratesinfo.com/pirate-facts-and-pirate-legends/pirate-strongholds-hideouts/piratical-history-of-tortuga/>. Acesso em: 02 de out. de 2024.

THE Carta Marina of Olaus Magnus, 1539. **Orkney Museums**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.orkneymuseums.co.uk/the-carta-marina-of-olaus-magnus-1539/>. Acesso em: 03 de out. de 2024.

THE real pirates of the Caribbean: your guide to Nassau's pirate republic. **HistoryExtra**, 2022. Disponível em: <https://www.historyextra.com/period/stuart/nassau-pirate-republic-flying-gang-real-pirates-caribbean/>. Acesso em: 02 de out. de 2024.

VALLAR, Cindy. "Pirate Havens Tortuga and New Providence". **Cindy Vallar**, 2002. Disponível em: <http://www.cindyvallar.com/havens5.html>. Acesso em: 02 de out. de 2024.

VALLAR, Cindy. "Pirates & Privateers: The History of Maritime Piracy - Medieval Pirates". **Cindy Vallar**, 2010. Disponível em: <http://www.cindyvallar.com/medieval.html>. Acesso em: 14 de mar. de 2024.

WESTPHALEN, Neil. "Viking Warfare, Ships and Medicine". **Journal of Military and Veterans' Health**, 2021. Disponível em: <https://jmvh.org/article/viking-warfare-ships-and-medicine/>. Acesso em: 14 de mar. de 2024.

WHITTOCK, Martyn. "The Muddled Origins of the Word 'Viking'". **Atlas Obscura**, 2023. Disponível em: <https://www.atlasobscura.com/articles/origin-of-the-word-viking-why-vikings-called-vikings>. Acesso em: 07 de mar. de 2024.

ZEIEN, Scott. "What is a "Piece of Eight?" **Kingman Yacht Center**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.kingmanyachtcenter.com/sea-history-what-is-a-piece-of-eight/>. Acesso em: 10 de jan. de 2025.

